

# Revista Longeviver



No. 35 | Ano VIII, Jul/Ago/Set 2026

## Sumário

### **EDITORIAL**

<b>Escritas</b>	03
<i>Celina Dias Azevedo</i>	
<i>Beltrina Côrte</i>	

### **ARTIGOS**

<b>O papel do avô em O rio das quatro luzes, de Mia Couto</b>	05
<i>Juliana dos Santos Vitalli</i>	
<i>Lara Cássia de Pauda Alba</i>	
<i>Pedro Lucas Oliveira da Silva</i>	
<i>Helena de Sousa Valadares de Camargo</i>	
<i>Denise Stefanoni Combinato</i>	

<b>“A chama continua acesa”: representações da velhice, sexualidade e consumo na campanha de 70 anos do Burger King</b>	17
<i>Fabiano Eloy Atílio Batista</i>	
<i>Felipe Antônio Mendes Ferreira</i>	

### **RELATOS**

<b>Envelhecimento LGBTQIAPN+ e atuação comunitária: um relato de estágio em psicologia da saúde fundamentado na análise do comportamento</b>	27
<i>Caíque Pala Silvestre</i>	
<i>Diane Portugueis</i>	
<i>Joice Jaqueline Romani</i>	
<i>Eliana Isabel de Moraes Hamasaki</i>	

<b>Memória e futuro no envelhecer: histórias de vida em um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos a partir do projeto de extensão universitária Sankofa</b>	39
<i>Larissa da Silva Sousa</i>	
<i>Nara Maria Forte Diogo</i>	
<i>Andie de Castro Lima</i>	

<b>Relato de uma experiência grupal com pessoas aposentadas: construindo narrativas, sentidos e novas perspectivas</b>	48
<i>Amanda Passarella Araujo</i>	
<i>Daniele da Silva Fébole</i>	

*Isadora Pereira Martins*  
*João Henrique Colombo Nascimento*  
*Luana de Mello Calvo*  
*Marina Kleinschmidt*  
*Vinicius Vattos Costa*

### **REVISÃO DE LITERATURA**

**Políticas Públicas para o Cuidado Domiciliar de Idosos e Idosas: revisão de literatura** 57

*Ana Lígia Passos Meira*  
*Luís Paulo Souza e Souza*

**Transições e adaptabilidade no envelhecimento: implicações para o desenvolvimento de competências sociais** 68

*Dante Ogassavara*  
*Jeniffer Ferreira-Costa*  
*Ana Paula Santos Soares de Paula*  
*Thais da Silva-Ferreira*  
*Amanda Azevedo de Carvalho*  
*Larissa Fernandes Camargo*  
*José Maria Montiel*

### **RESENHA**

**Velhice: uma nova paisagem** 76

*Leonardo de Cristo*

Capa: Ilustração de Dhara Côrte de Lucena

**Editorial****Escritas**

**A** escrita acadêmica exige, de quem se dispõe a exercitá-la, a capacidade de comunicar de forma clara e eficiente ideias, argumentos e descobertas, exigindo organização e coesão. Ao evitar uma linguagem excessivamente complexa ou jargões desnecessários, o autor prioriza a clareza e a precisão. Uma revisão cuidadosa evita erros gramaticais, ortográficos e de pontuação que possam comprometer o entendimento do texto, garantindo a qualidade e demonstrando o cuidado com a produção do material. Além disso, as citações e referências bibliográficas devem estar completas e respeitar as normas apontadas, uma vez que expõem os caminhos dos argumentos e os contextualizam dentro do corpo de conhecimento existente.

Ao escrever sobre o processo de envelhecimento e o envelhecer, dá-se forma a experiências que muitas vezes permanecem invisíveis, transformando estatísticas em debates públicos e contribuindo para o desenvolvimento de políticas sociais. Do mesmo modo, tais produções auxiliam na desconstrução de preconceitos e na superação de estereótipos.

A escrita mostra que o envelhecer não é homogêneo e que há múltiplas trajetórias marcadas por gênero, classe e cultura. Revela também a importância da comunidade e dos grupos ao narrar práticas coletivas; são relatos e experiências que tornam visíveis as necessidades de cuidado e convivência, mobilizando políticas e ações comunitárias.

Escrever sobre o envelhecimento é, portanto, um ato político e cultural: visibiliza realidades, fortalece comunidades e abre caminhos para sociedades mais inclusivas.

Nesta edição da *Revista Longevidade*, as relações intergeracionais são colocadas em foco a partir do conto literário "O papel do avô em O rio das quatro luzes", de Mia Couto. Paralelamente, os estereótipos e as representações da velhice marcam o artigo "A chama continua acesa: representações da velhice, sexualidade e consumo na campanha de 70 anos do Burger King".

O relato de experiência "Envelhecimento LGBTQIAPN+ e atuação comunitária: um relato de estágio em psicologia da saúde fundamentado na análise do comportamento" reflete sobre a importância da comunidade para o acolhimento de pessoas idosas. Na mesma linha, o artigo "Memória e futuro no envelhecer: histórias de vida em um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos" resgata vivências

a partir do projeto de extensão universitária Sankofa. Fechando os relatos, o trabalho "Relato de uma experiência grupal com pessoas aposentadas: construindo narrativas, sentidos e novas perspectivas" fala sobre o contexto de vida pós-carreira laboral.

No campo das revisões de literatura, o artigo "Políticas Públicas para o Cuidado Domiciliar de Idosos e Idosas: revisão de literatura" discute a questão dos cuidados. Em complemento, o estudo intitulado "Transições e adaptabilidade no envelhecimento: implicações para o desenvolvimento de competências sociais" aborda as interfaces entre o envelhecer e a sociabilidade, assinalando a relevância de espaços em que as pessoas idosas possam participar ativamente para, assim, enfrentar de forma empoderada a vulnerabilidade social.

Encerrando esta edição, apresenta-se a resenha da obra "Velhice: uma nova paisagem", na qual a autora Maria Célia de Abreu propõe o desenvolvimento do pensamento crítico como forma de estimular a reflexão dos jovens sobre seu próprio envelhecimento.

Boa leitura!

*Celina Dias Azevedo e Beltrina Côrte (editoras)*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

## O papel do avô em *O rio das quatro luzes*, de Mia Couto

---

*Juliana dos Santos Vitalli  
Lara Cássia de Pauda Alba  
Pedro Lucas Oliveira da Silva  
Helena de Sousa Valadares de Camargo  
Denise Stefanoni Combinato*

### Introdução

Com os avanços científicos e tecnológicos relacionados às formas de cuidado em saúde nos últimos tempos, a expectativa de vida da população aumentou gradualmente (Silva et al., 2015). Ao passo que as pessoas conseguem viver mais, a possibilidade de convivência entre pais, filhos e netos também aumenta, com trocas de conhecimento e aprendizado entre as gerações (Cardoso e Brito, 2014; Tarallo, 2015). Entretanto, há também o aumento de conflitos em função da diferença de valores e costumes entre o grupo familiar, acarretando afastamentos. Uma das formas de diminuir esses conflitos é através de negociações e diálogos, entendendo que sempre haverá diferenças e que é necessário respeitá-las e, quando possível, fazer concessões para a manutenção desses novos arranjos familiares (Coutrim, 2006).

As relações intergeracionais são vínculos significativos que se formam entre duas pessoas ou mais de idades diferentes. É através desse vínculo que surgem novas possibilidades de troca de experiências e conhecimentos. Segundo Silva et al. (2015), a afetividade é o principal componente de manutenção dessas relações, pois é através do afeto, sentido por cada membro do grupo familiar, que esses arranjos intergeracionais se tornam harmoniosos e significativos para os sujeitos.

Relações intergeracionais harmoniosas dentro dos arranjos familiares proporcionam trocas mútuas de apoio e solidariedade (Cardoso e Brito, 2014), tendo em vista o cuidado e a ajuda que as pessoas idosas recebem e proporcionam ao grupo familiar. Especialmente para as pessoas idosas, esse suporte é fundamental, considerando as perdas físicas e o aumento de doenças crônicas na velhice (Coutrim, 2006; Silva et al., 2015).

Devido a problemas relacionados à saúde e à capacidade funcional, parte das pessoas idosas pode ter suas competências de encontro com familiares e amigos

reduzida, o que favorece um espaço privilegiado de cuidados e suporte à vida por outros membros da família (Tarallo, 2015). No entanto, para que isso aconteça é fundamental que existam relações de reciprocidade, afeto, diálogo, respeito e proximidade entre os sujeitos.

A família é o espaço central das relações intergeracionais. É nela que se iniciam as relações sociais do sujeito, além da transmissão de conhecimentos e do legado da humanidade (Cardoso e Brito, 2014). Na família, acontecem os primeiros cuidados em saúde, que tendem a persistir ao longo do desenvolvimento. Porém, não há uma única forma de cuidado e transmissão de conhecimentos nas famílias. Fala-se de uma pluralidade de formas de ser e estar nesse grupo, sendo tecidos por fatores culturais, sociais e econômicos que se influenciam mutuamente no desenvolvimento de inúmeros arranjos familiares (Coutrim, 2006).

Segundo Silva et al. (2015), cabe aos membros mais jovens da família entender as divergências de valores ocasionados pelas alterações de pensamento da sociedade e cultura, deixando de lado o termo "ultrapassado" e entendendo que cada pessoa idosa carrega consigo características da cultura e do tempo histórico em que cresceu e se desenvolveu. Essa é uma das maneiras de superar boa parte dos conflitos e preservar a solidariedade e o afeto nas relações intergeracionais.

Para Coutrim (2006), os filhos das pessoas idosas consideram seus pais como referência para os mais jovens que vivem na mesma residência. Para os avós, a relação com os netos torna-se uma possibilidade de ressignificação da relação que tiveram com os filhos e uma parcela dos avós tende a fazer aquilo que não conseguiu fazer pelos seus próprios filhos, oferecendo aos netos bens materiais, oportunidades de estudo e educação, alimento e roupas.

Com o avanço do desemprego, do nascimento de filhos fora do casamento e da separação de casais, os filhos permanecem ou retornam para casa de seus pais, acarretando novas formas de se relacionar no grupo familiar, especialmente pela diferença geracional que pode existir entre as pessoas idosas, seus filhos e netos. Em alguns casos, as ações dos avós complementam a renda dos pais e ajuda nos cuidados dos netos, em outros, os avós assumem a responsabilidade total do cuidado dos netos, especialmente em situações de dificuldades dos filhos, como o desemprego e as dívidas (Cardoso e Brito, 2014). Nos dois casos, os netos podem proporcionar a seus avós momentos de carinho, de integração e de troca de conhecimento entre as gerações.

Segundo a pesquisa realizada por Cardoso e Brito (2014), as avós cuidadoras de netos afirmaram que ser avó é melhor que ser mãe, devido à experiência e à sabedoria proporcionada pela idade. Entretanto, para outras avós da pesquisa, as responsabilidades de ser mãe ultrapassavam as atribuições que desejavam sobre o ser avó, acarretando esgotamento físico e mental, deixando de lado o papel que gostariam de exercer: o de avós. Apesar de algumas avós mencionarem sobre a inviabilização de projetos pessoais por conta dos cuidados integrais dos netos, outras avós desejavam permanecer nesse lugar de cuidadoras para tentar fazer diferente do que fizeram com os filhos, para repetirem a criação de sucesso dos filhos ou para relembrar o exercício da própria maternidade.

Há, também, pessoas idosas que necessitam dos cuidados de outros membros de sua família, invertendo o que outrora era sua função: cuidar dos filhos e netos. Em ambos os casos existe a implicação em mudanças e novas formas de estruturação da dinâmica familiar, de forma a assegurar a demanda por cuidados dos chefes da família ou por receber cuidados de filhos e netos (Cardoso e Brito, 2014).

As relações intergeracionais são construídas a partir do envolvimento voluntário de cada sujeito. Segundo Cardoso e Brito (2014), para o bom desenvolvimento dessas relações, é importante que as avós levem em consideração “os limites necessários para conciliar desenvolvimento pessoal e bom relacionamento familiar” (p. 439), ou seja, que estabeleçam relações de cuidado com os netos e consigo mesmas.

A partir dessa discussão, pode-se concluir que a relação entre avós e netos é ampla e diversa, sendo influenciada por aspectos individuais, familiares, socioculturais e econômicos. Há famílias em que a relação intergeracional é caracterizada por apoio e carinho e, em outras, por conflitos e ambiguidades. Essas diferenças também acontecem a partir do lugar que cada membro do arranjo familiar ocupa na relação com os demais, ou seja, o papel ocupado por cada membro dentro das relações que se estabelecem na família.

Segundo Tarallo (2015), a dinâmica dos arranjos e papéis ocupados por avós e netos acontece da seguinte forma: os primeiros contribuem com o apoio emocional, financeiro e na construção de limites e regras, enquanto os segundos ajudam nas tarefas domésticas, nos cuidados de avós dependentes e no incentivo ao desenvolvimento de novos sonhos para seus avós. Para a mesma autora, os netos demonstram afeto e carinho nas atitudes de zelo e satisfação com seus avós, que, por sua vez, se tornam mais flexíveis e abertos ao afeto, através dos aprendizados e do convívio com os netos. É importante frisar esse último aspecto pela mudança de pensamento acarretada pelo desenvolvimento da cultura e da sociedade em um lugar mais permissivo e diverso para as pessoas serem e estarem como realmente são. Esse avanço pode ser ainda mais rápido através de relações de diálogo e aprendizado entre uma geração mais inflexível e rígida e outra mais flexível e diversa.

Além disso, a forma como se dão as relações intergeracionais não está desvinculada daquilo que se pensa, sente e faz em relação ao envelhecimento. Caracterizado pelas relações entre as mudanças biológicas, psicológicas e sociais intrínsecas ao desenvolvimento humano, o envelhecimento só pode ser compreendido a partir da sociedade da qual o indivíduo faz parte, já que os significados de velhice extrapolam as dimensões de idade cronológica – as esferas culturais, históricas, políticas e econômicas criam as representações sociais dos idosos e definem as atitudes coletivas em relação a eles (Schneider e Irigaray, 2008).

Frente às opressões que historicamente afetaram o valor social das pessoas idosas, relegando-os ao esquecimento em sociedades mais individualistas, urge lembrar que em outras culturas, movidas pela solidariedade, os velhos são protagonistas preciosos de sua comunidade. Em muitas culturas africanas – sociedades edificadas a partir da tradição oral – os velhos não são apenas figuras de respeito, mas também guardiões da memória, detentores de sabedoria e mediadores entre o passado e o presente, pois a presença deles confere à sociedade uma continuidade temporal,

assegurando que as lições do passado não sejam esquecidas e que as tradições permaneçam pulsando (Perla, 2023).

Pela via da oralidade, o ancião guia a comunidade pautado em valores, crenças, ritos, saberes. Por consequência, trabalham para a manutenção da vida coletiva. Da mesma maneira, para os povos originários, "a velhice é o auge da sabedoria" (Diogo et al., 2023, p.267), sendo as pessoas idosas responsáveis pela transmissão, através da oralidade, de diversos saberes aos mais jovens, incluindo a resistência e a defesa do território.

No contexto das sociedades pós-coloniais, estudiosos como Edward Said (2007) e Frantz Fanon (2020) discutem a transformação no papel dos anciãos. A colonização desestabilizou as estruturas sociais tradicionais, agora atravessadas pela visão eurocêntrica, criando uma fratura na forma como a velhice vinha sendo entendida. Os idosos, outrora sábios e respeitados, passam a ser considerados um peso carregado pelas famílias.

A partir desse emaranhado de significados culturais sobre a velhice e as relações intergeracionais, e considerando os ensinamentos de Vigotski (1999) de que a arte pode ser uma orientação para o nosso comportamento futuro, nosso desafio nesse artigo foi analisar um conto elaborado pelo escritor moçambicano Mia Couto, que trata especialmente da relação avô-neto.

## **Desenvolvimento**

Mia Couto, em seu livro "O Fio das Missangas" (2009), apresenta uma coletânea com 29 contos e, dentre estes, "*O rio das quatro luzes*" que se inicia com a fala de um menino durante um funeral. Esta fala, direcionada à sua mãe, traz à tona o seu desejo de estar dentro de um caixão, assim como o falecido. A mãe, conforme majoritariamente outras pessoas também o fariam, repreende o menino e, algum tempo depois, já em casa, o pai do garoto vai até seu quarto para perguntar o que se passava. Sua resposta é que gostaria de envelhecer rápido e ficar mais velho que o próprio pai.

Uma frase marcante do conto é "Que valia ser criança se lhe faltava a infância?" (Couto, 2009, p.112). A partir dela, podemos buscar os significados culturais e as possibilidades de ser criança. Sabemos que existem diferentes infâncias e que elas são entendidas e vivenciadas de maneiras diversas, refletindo múltiplos significados e sentidos, sendo atravessadas pelos contextos sociais, históricos e culturais (Barbosa e Santos, 2017; Qvotrup, 2010; Pires, 2008).

A infância é uma construção social que se desenvolveu ao longo da história. Segundo Ariès (2012), até o século XII, crianças e adultos não eram diferenciados, fato ilustrado pelas obras de arte da época, nas quais as crianças eram representadas como adultos menores. Isso começou a mudar a partir do século XVI, em decorrência da alta taxa de mortalidade infantil, quando a visão sobre as crianças começa a revelar outros sentidos à infância. Segundo Ariès (2012), os adultos possuíam duas visões em relação às crianças: ela era ingênua, graciosa e

proporcionava divertimento aos adultos ou ela deveria ser submetida à disciplina, porque eram frágeis e puras, para se transformarem em adultos honrados (Ariès, 2012; Barbosa e Santos, 2017).

Importante destacar que esse estudo de Ariès foi realizado com base em cartas, diários e pinturas da época que tinham como foco a aristocracia europeia, ou seja, levou em conta apenas uma minoria privilegiada e deixou de lado a classe operária e seus filhos em situação de vulnerabilidade (Barbosa e Santos, 2017).

Essa diferente realidade pode ser vista durante o Brasil colonial. Em solo brasileiro, a desigualdade era latente e permeada pelas diferenças de classes sociais e cor da pele. Quem nascia no berço da elite recebia educação primorosa, enquanto os filhos de escravos iam trabalhar, como adultos, na mais tenra idade. Este cenário começou a mudar no século XX, quando o papel da família e da escola entram em cena como essenciais à vida infantil, a fim de oferecer melhores condições de vida às crianças que passaram a ser preparadas para a vida adulta (Barbosa e Santos, 2017; Cohn, 2013, Lopes e Vasconcelos, 2006).

Apesar da mudança na compreensão sobre o papel da família e da educação na formação das crianças, o acesso aos direitos fundamentais para a garantia do "desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social" (Brasil, 1990, art. 3) continuam desiguais. A legislação brasileira, por exemplo, proíbe o trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz (Brasil, 1990, art. 60). Embora tenha havido uma redução de 21,4% nos últimos anos no trabalho infantil, em 2024, ainda tínhamos 1,65 milhão de crianças e adolescentes trabalhando no país (Agência Brasil, 2025).

Voltando ao conto e a uma dessas perspectivas de infância que se aproxima da vida adulta, temos um menino que, desde criança, já tinha contato com as adultices da vida: o menino questiona o porquê de ser criança se a vida exige um fazer adulto nessa fase. Por outro lado, também identifica e questiona o porquê de, quando adulto, ficar lembrando o "tempo de maravilhas" da infância (Couto, 2009, p.112). Com essa conversa entre a criança e o pai, fica claro que a criança não carrega um desejo de estar dentro de um caixão porque ela não quer mais viver, mas sim porque a vida adulta e a velhice lhe parecem ser muito mais interessantes do que uma infância na qual ele não pode ser criança.

Percebe-se no conto um menino sem infância que, desconectado da vida, vê na morte uma possibilidade de transcender sua realidade nada lúdica. Uma vez que "este mundo não estava para meninices" (Couto, 2009, p.112), ser criança parecia uma perda de tempo, então envelhecer rapidamente se apresenta como alternativa. Ao expor seus desejos para os pais, entra em contato com os significados sociais da vida – presente divino – e da morte – punição divina -; como opostos fenômenos, dicotômicos, inconciliáveis. A ele é solicitado que repudie a morte e anseie pela vida. No entanto, não é instruído sobre como realizar tal investimento no mundo. E, após ser repreendido pela mãe e pelo pai, o menino vai até o avô para lhe perguntar o que é preciso para ser morto. O avô, ao contrário dos pais, não o recrimina.

Segundo Tarallo (2015), os avós podem contribuir imensamente com o aprendizado de seus netos através da transmissão dos conhecimentos que conquistaram durante

a vida, especialmente no que diz respeito às perdas inerentes à vida humana. Assim, “os avós também têm um papel imprescindível na vida dos netos e da família, pois funcionam como intermediários entre o passado, o presente e o futuro” (p. 51).

No conto *O rio das quatro luzes*, o avô responde ao menino que para ser morto é preciso ficar nu como um búzio, leve como a lua e escuro na escuridão. O avô, diferente dos pais, acolhe a angústia disfarçada de desejo do menino e cura onde dói: na idade. Propõe ensinamentos camuflados em uma troca: vai pedir a Deus que, quando chegar a hora de sua morte, o menino morra em seu lugar, pois ama viver. A troca é dissimulada, pois suas intenções são travessas – quer trazer o menino para mais perto e convidá-lo a experimentar a vida antes de descartá-la de seus horizontes. Quer ensiná-lo a construir um sentido pessoal autêntico sobre a vida e a morte, onde não há dicotomia, mas sim ressonância. Quer ensinar que encontramos amor e conforto nos detalhes da vida quando não estamos olhando para o relógio, por mais difícil que isso seja.

Essa acolhida realizada pelo avô demonstra que as relações intergeracionais entre avós e netos podem ser caracterizadas por diferentes formas de expressão, dentre elas, o cuidado envolto de carinho e afeto, proporcionando o desenvolvimento afetivo de ambos (Cardoso e Brito, 2014). De acordo com Tarallo (2015), essas relações são influenciadas por inúmeros aspectos, incluindo a dimensão afetiva, os fatores culturais de cada sociedade e a idade dos avós e netos.

Quando o menino visitava o avô, perguntava sobre o combinado e este o aconselhava para que “fosse meninando, distraídos nos brincados” (Couto, 2009, p.113), ou seja, para que, ao invés de se preocupar com o acordo, fosse brincar. Com isso, os dois conversavam sobre a infância do avô e o menino, sem perceber, se tornava criança.

No compasso do avô, o menino ganhou vida, identidade e ludicidade. Subvertendo a lógica que reduz e roteiriza a infância à mera preparação para a vida adulta, a um trivial ensaio para a verdadeira apresentação, o avô entende a necessidade da criança em encontrar sentido naquilo que vive. Resgata a noção de infância como uma fase que tem sentido em si própria; e assim também podemos situar o viver: uma atividade que encontra motivação em si mesma. Pelo menos deveria ser. Nesse horizonte, as necessidades reais da criança são valorizadas e uma existência integrada à vida se constrói ouvindo, apoiando e dialogando.

De acordo com Cardoso e Brito (2014), para algumas pessoas idosas, os cuidados com os netos, seja como único responsável ou como apoio aos filhos, são uma forma de satisfação e utilidade para a família, principalmente quando utilizam da própria experiência de vida para transmitir ensinamentos e legados geracionais.

Além de incentivar o menino na arte de criar, o avô também entende que precisa orientar os pais no papel de educar. Certo dia, os pais do menino receberam a visita do avô que, de forma muito respeitosa e amorosa aconselhou que:

criancice é como amor, não se desempenha sozinha. Faltava os pais serem filhos, juntarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecer ao tempo, esquivar-se do corpo e do

juízo. Esse é o milagre que um filho oferece - nascermos em outras vidas (Couto, 2009, p.113-4).

A partir dessa fala, o avô tenta sensibilizar os pais do menino de que eles deveriam não apenas permitir e dar espaço para a criança ser criança, como serem crianças junto ao filho. Os pais precisariam despir-se da adultez e cultivar humildade diante da infância – tempo tão valioso quanto todos os outros tempos.

Os pais ouviram o ensinamento do avô, sem nada comentar, mas sem nada contestar. Assim, percebe-se o valor desse avô tanto no despertar de sentidos de meninices com o miúdo, como na orientação dos pais de que eles se pusessem a criar com o filho.

Essas trocas entre gerações permitem que as pessoas idosas se sintam valorizadas e amadas, principalmente quando seus conselhos, baseados em experiências de vida e da própria sabedoria, são levados em conta pelos filhos e netos (Cardoso e Brito, 2014) que, por sua vez, podem contribuir ensinando os pais e avós sobre os novos conhecimentos do mundo moderno. Ou seja, todos podem ganhar quando as relações intergeracionais são respeitadas e afetuosas, favorecendo a troca de conhecimentos e a da forma de ser e estar de cada sujeito do grupo familiar (Côrte e Ferrigno, 2016).

Ao se despedir dos pais do menino após os conselhos, o avô fala que sente um cansaço, mas não daqueles que pesam, e sim um cansaço leve como a lua, como dito por ele ao neto acerca do que era preciso para ser morto. Então, pede aos pais do menino que contem ao neto que nunca fez nenhum pedido a Deus. No entanto, como alerta o narrador, os pais não precisaram falar isso para o menino. Dentro de sua casa, o menino sentiu reverter-se o caudal do tempo, ou seja, sentiu o fluxo do tempo se reverter com o avô sendo levado antes dele. Desse modo, surge no conto uma possível explicação para o seu título. No leito do rio se afundam quatro luzências e esta parte se conecta com o fato de que um rio não tem iluminação própria, ou seja, ele precisa ser iluminado para que seja visto. Assim, podemos interpretar que essa iluminação vem de nós e vem dos nossos olhos. Os olhos do avô e do menino foram capazes de iluminar o olhar sobre a infância e, também, sobre a morte.

Retomando a fala do avô acerca do que é preciso para ser morto ao mencionar que é necessário ser escuro na escuridão, podemos entender que, após a morte, o morto não é mais visto e, muitas vezes, nem lembrado, indo para a escuridão da memória daqueles que ainda estão vivos. Por outro lado, pode permanecer na memória, nos ensinamentos e nas histórias que foram e serão compartilhadas.

Em um ato político e subjetivo, Mia Couto explora a dualidade entre as estruturas sociais tradicionais e a visão ocidental moderna, retratando velhos que, mesmo em um mundo em transformação e forçados a encararem a tensão entre tradição e modernidade, mantêm viva a chama das tradições ancestrais (Martins, 2021; Schmidt et al. 2022; Perla, 2023).

Dessa forma, segundo Perla (2023), Mia Couto nos mostra a pessoa idosa na sociedade capitalista deslocada do lugar de respeito de outrora, mas resiliente ao ponto de criar situações diferenciadas para receber afeto, atenção e serem ouvidas por aqueles que estão dispostos a escutar no espaço da cidade. Ademais, de acordo

com Martins (2021), a palavra do ancião denuncia a cegueira social que provocou a ruptura das práticas orais:

Como voz da lucidez, o velho critica o mundo violentado que se desenraizou da dimensão sagrada numa sociedade materialista que sufoca a vertente espiritual do homem. A missão do avô é ensinar o neto a ver para além das aparências numa cadeia contínua em que a transmissão da herança cultural se concretiza, possibilitando a comunicação com os mortos. O avô é o porta-voz da palavra redentora que transmite um olhar límpido, liberto da convenção e da censura, que tenta ampliar a visão do menino para o ajudar a captar o mistério dos panos brancos da outra margem (p. 176).

Em suma, o papel do avô na família é de iluminar o olhar sobre a infância, mostrando que ela pode e deve ser vivida mesmo quando adulto; de iluminar o olhar sobre a morte, mostrando que a morte pode ser um renascimento; e que ter um filho é ter esta chance de nascer de novo.

### **Considerações finais**

O conto *O rio das quatro luzes*, narrado linearmente, ganha elementos fantásticos ao brincar de confundir vida e morte, começo e fim, nascente e foz, através do elo entre neto e avô, criança e idoso. Ligar essas fases da vida, tão marginalizadas, parece o esforço de Mia Couto. Se a infância é vista na contemporaneidade como um ensaio, a velhice é rotulada como uma apoteose desse evento principal, rótulos que produzem a vulnerabilidade dessa população, tão desamparada nos tempos atuais.

Na sociedade brasileira, a maior parte da população idosa, infelizmente, é inserida dentro de um contexto de desvalorização de seu papel, sendo a velhice encarada de maneira distinta do papel dado ao ancião nas comunidades africanas tradicionais. A moral hegemônica propaga o respeito ao velho, mas continua a pressioná-los a abrir espaço para os mais jovens, conforme denuncia Bosi (1994, p.78): "que ele nos poupe de seus conselhos e se resigne a um papel passivo".

Conforme Schmidt et al. (2022), envelhecer em território brasileiro implica ser atravessado por enormes desafios no alcance das necessidades básicas – sobretudo para pessoas com baixa renda. Diante disso, muitas pessoas idosas deixam de lado a necessidade de descanso após uma vida inteira de contribuição e seguem trabalhando – seja por necessidade ou para serem aceitos e terem algum papel social.

É possível traçar um paralelo entre a ideia de vivências imutáveis e a forma como a nossa sociedade lida com o envelhecimento – não permitindo que os idosos mudem, não acolhendo suas possibilidades de mudanças, aviltamento pautado no ageísmo de que velhice é sinônimo de estagnação. A universalização das fases de vida parece fazer com que percamos a essência do desenvolvimento humano: a transformação. Frente às inúmeras violências sofridas pelas pessoas idosas na sociedade ocidental moderna, urge lembrar que em outras culturas, movidas pela solidariedade, os velhos são protagonistas preciosos de sua comunidade.

Eis o papel do avô no conto: ser o que ele é, protagonista de sua família. Para além da universalidade que coloca os velhos em um mesmo destino indiferenciado de estagnação, o avô encontra-se em pleno despertar da alegria de viver, pois sua puerilidade interna vai além dos limites etários. Suas vivências entrelaçam o envelhecer a uma realidade que, quando dotada de autonomia, criatividade e reconhecimento, transformam não apenas a pessoa que envelhece, mas também sua família e toda a sociedade.

Ao desroteirizar a infância do neto, desrotula sua própria velhice. Ensina que o tempo não precisa ser linear; ensina a família a se libertar do "o que eu quero ser quando crescer" e a se lembrar da grandeza do muito que já somos. Através das narrativas orais sobre suas experiências, o avô torna-se guardião de valores que precisam ser lembrados, sendo em si, memória coletiva.

Além disso, ao investir fora de si, em suas relações, em sua família, em sua comunidade, o avô consegue nascer em outras vidas e desfrutar da vida também através das realizações dos filhos e netos. Vinculando-se às relações mais duradouras e deixando valores que continuarão vivos depois de sua partida, a morte não parece mais tão ameaçadora.

Para que isso aconteça, é de suma importância que dentro do ambiente familiar e do convívio com a pessoa idosa os estereótipos negativos relacionados à velhice sejam discutidos com os netos desde a infância, a fim de que eles influenciem cada vez menos nas relações intergeracionais entre ambos, tornando-as mais satisfatórias e colaborativas.

Segundo Tarallo (2015, p. 51) uma maneira de promover a "educação para a velhice" é justamente através da convivência com os avós, na medida em que essa convivência pode auxiliar os netos no enfrentamento das dificuldades e das perdas que acontecem ao longo da vida, assim como na diminuição de estereótipos e preconceitos relacionados à idade.

Além disso, se faz necessário incluir discussões sobre o envelhecimento e o direito das pessoas idosas nas escolas - conforme preconiza o Estatuto da pessoa idosa no Brasil (Brasil, 2003) - espaço privilegiado para a transmissão de informações e aprendizados que fogem dos estereótipos criados socialmente (Whitaker, 2010). A partir do trabalho conjunto da família e da escola, poderemos caminhar rumo a um mundo menos competitivo e mais sensível ao cuidado integral de todos os sujeitos, em todas as fases do desenvolvimento.

O conto termina sendo uma lenda, que explica o surgimento de determinada coisa. Nesse caso, do rio que une as duas pontas da vida. Porque o fim não é um fim, é um começo para outra história. Que essa narrativa, através da sensibilidade própria da arte, possa orientar nosso comportamento futuro e nos auxiliar na promoção do diálogo e da reflexão sobre o envelhecimento, a morte e sobre o papel do velho e dos avós nas relações intergeracionais.

## Referências

ABRÃO, R. K.; ABRANTES, D. R.; BEIERSDORF, D. S. A constituição da infância permeada pelo contexto social, mídia e brinquedo. *Zero-a-Seis*, v. 17, n. 31, p. 79-90, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2015n31p79>. Acesso em: 10 jun. 2025.

AGÊNCIA BRASIL. *Trabalho infantil no país cai 21,4% em oito anos, mostra IBGE*. Rio de Janeiro, 19/09/2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-09/trabalho-infantil-no-pais-cai-214-em-oito-anos-mostra-ibge>. Acesso em: 26 out. 2025.

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BARBOSA, A. S. S.; SANTOS, J. D. F. dos. Infância ou infâncias? *Revista Linhas*, v. 18, n. 38, p. 245-263, 2017. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818382017245>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acesso em: 26 out. 2025.

CARDOSO, A. R.; BRITO, L. M. T. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico-USF*, v. 19, n. 3, p. 433-441, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003006>. Acesso em: 10 jun. 2025.

COHN, C. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 13, n. 2, p. 221-244, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15478>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CÔRTE, B.; FERRIGNO, J. C. Programas intergeracionais: estímulo à integração do idoso às demais gerações. In: FREITAS, E. V.; PY, L. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

COUTO, M. O rio das quatro luzes. In: COUTO, M. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 111-115.

COUTRIM, R. M. E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. *Sociedade e Estado*, v. 21, n. 2, p. 367-390, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922006000200004>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DIAS, E. N.; PAIS-RIBEIRO, J. L. Qualidade de vida: comparação entre idosos de uma comunidade brasileira e idosos institucionalizados. *Revista Kairós: Gerontologia*, v. 21, n. 1, p. 37-54, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2018v21i1p37-54>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DIOGO, N. M. F. et al. Povos originários, envelhecimento e psicologia: ancestralidades presentes. In: RABELO, D. F.; SILVA, J.; DIOGO, N. M. F. (Orgs.). *Psicologia e desenvolvimento humano no contexto brasileiro*. Campina Grande: EDUEPB, 2023. p. 261-282.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

- LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. Geografia da infância: territorialidades infantis. *Currículo sem Fronteiras*, v. 6, n. 1, p. 103-127, 2006. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/curriculo-sem-fronteiras/articulo/geografia-da-infancia-territorialidades-infantis>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- MARÍN-DÍAZ, D. L. Morte da infância moderna ou construção da quimera infantil? *Educação e Realidade*, v. 35, n. 3, p. 193-211, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13085>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- MARTINS, C. As vozes da velhice nos contos de Mia Couto. In: PINHEIRO, J. (coord.). *Olhares sobre o envelhecimento*. Estudos interdisciplinares, v. 2, p. 173-181, 2021. Disponível em: <http://cda.uma.pt/publications/pub21-002-olhares-v2/Ebook-21-V02-173.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- PERLA, S. *A metamorfose como metáfora da identidade moçambicana em "Contos do nascer da Terra" de Mia Couto*. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49754>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- PIRES, F. Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 17, n. 17, p. 133-151, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/47058>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. *Educação e Pesquisa*, v. 36, p. 631-644, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000200014>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHMIDT, A. L. L. C.; SILVA, K. C. da; SILVA, K. O. da. O envelhecer nos contos "Presepe", de Guimarães Rosa e "Noventa e Três" de Mia Couto: diálogos da Literatura Brasileira com a Literatura Moçambicana. *Revista Transformar*, v. 15, n. 2, p. 111-119, 2022. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/635>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- SILVA, D. M.; VILELA, A. B. A.; NERY, A. A.; DUARTE, A. C. S.; ALVEZ, M. R.; MEIRA, S. S. Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia), Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 7, p. 2183-2191, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015207.17972014>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- TARALLO, R. S. As relações intergeracionais e o cuidado do idoso. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 19, p. 39-55, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18iEspecial18p39-55>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- VIGOSTKI, L. S. *Psicologia da Arte*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WHITAKER, D. C. A. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse "novo" ator social, titular de direitos. *Cadernos Cedes*, v. 30, n. 81, p. 179-188, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622010000200004>. Acesso em: 10 jun. 2025.

*Data de recebimento: 31/10/2025; Data de aceite: 15/03/2026*

---

**Juliana dos Santos Vitalli** – Psicóloga com graduação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Residente do programa de pós-graduação lato sensu na Residência Multiprofissional em Atenção à Oncologia, na mesma universidade. ORCID: <http://orcid.org/0009-0004-1188-5614>. E-mail: [psi.julianavitalli@gmail.com](mailto:psi.julianavitalli@gmail.com)

**Lara Cássia de Pauda Alba** – Psicóloga com graduação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6636-5650>. E-mail: [psi.laraalba@gmail.com](mailto:psi.laraalba@gmail.com)

**Pedro Lucas Oliveira da Silva** – Psicólogo com graduação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Gestor de Relacionamentos da Organização da Sociedade Civil ABC do Glória. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8366-7540>. E-mail: [psi.pedrolucasilva@gmail.com](mailto:psi.pedrolucasilva@gmail.com)

**Helena de Sousa Valadares de Camargo** – Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6925-8163> E-mail: [helenacamargo2002@gmail.com](mailto:helenacamargo2002@gmail.com)

**Denise Stefanoni Combinato** – Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Bauru) e graduada em Letras pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), com doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Botucatu). Professora do magistério superior no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5919-0289>. E-mail: [denise.combinato@ufu.br](mailto:denise.combinato@ufu.br)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

## “A chama continua acesa”: representações da velhice, sexualidade e consumo na campanha de 70 anos do Burger King

---

Fabiano Eloy Atílio Batista  
Felipe Antônio Mendes Ferreira

### Introdução

Nas últimas décadas, o envelhecimento populacional tem provocado mudanças significativas nas dinâmicas sociais, econômicas e culturais (Batista; Caixeta, 2019; Escorsim, 2021; Batista, Junior, Teixeira e Dantas, 2026). O crescimento da população idosa não apenas redefine políticas públicas e estruturas familiares, mas também impacta o mercado de consumo e as estratégias de comunicação das marcas (Zanon; Moretto e Rodrigues, 2013).

O Brasil está inserido no contexto da globalização e de uma sociedade fortemente orientada ao consumo, conforme aponta Barbosa (2004), sendo tal consumo impulsionado por diversos agentes, incluindo a indústria e o comércio, a mídia em geral e, também, as estratégias de marketing de entidades privadas. Nesse cenário, a publicidade passa a reconhecer cada vez mais a pessoa idosa como um público relevante, dotado de poder de compra, autonomia e participação social.

Historicamente, entretanto, a representação da velhice nos meios de comunicação esteve associada a estereótipos recorrentes, como fragilidade, dependência ou invisibilidade social. Em muitas campanhas publicitárias, os idosos aparecem como figuras secundárias, frequentemente vinculadas à nostalgia ou ao papel familiar tradicional. Nos últimos anos, contudo, observa-se um movimento de transformação dessas representações, com narrativas que procuram enfatizar autonomia, desejo, vitalidade e participação social (Faleiros, Vianna e Oliveira, 2017; Oliveira, 2018; Pires Teixeira, 2023a).

Um exemplo desse movimento pode ser observado na campanha comemorativa de 70 anos do Burger King, intitulada “A chama continua acesa”. A estratégia publicitária utiliza a metáfora do fogo, elemento central no processo de preparo dos hambúrgueres da marca, para construir uma analogia com relações amorosas duradouras. Na campanha, casais idosos aparecem em situações de intimidade e afeto dentro dos restaurantes da rede, sugerindo que o desejo e a paixão podem permanecer vivos ao longo do tempo.

Essa narrativa publicitária mobiliza questões relevantes para o campo dos estudos sobre envelhecimento e comunicação. Ao apresentar idosos em situações que envolvem romance, sensualidade e consumo, a campanha desloca o olhar tradicional sobre a velhice e propõe uma representação que dialoga com ideias de empoderamento e autonomia.

Diante desse contexto, o presente artigo busca analisar de que maneira a campanha constrói sentidos sobre a velhice. Este estudo adota uma abordagem qualitativa, baseada na análise discursiva e imagética da campanha publicitária “A chama continua acesa”, produzida pelo Burger King para celebrar os 70 anos da marca.

O corpus de análise consiste principalmente em *frames* do vídeo publicitário oficial da campanha, além de seus desdobramentos visuais e conceituais divulgados em mídias digitais e materiais promocionais nas redes sociais da empresa. A análise considera elementos narrativos, estéticos e simbólicos presentes na peça, incluindo enquadramentos, personagens, expressões corporais, ambientação e metáforas utilizadas na construção da mensagem publicitária.

A partir dessa perspectiva, a campanha é compreendida não apenas como uma peça de *marketing* (propaganda), mas também como um artefato cultural que participa da produção de sentidos sobre o envelhecimento na sociedade.

### **A metáfora da chama: longevidade, paixão e marca**

O conceito central da campanha se baseia na ideia de que, após sete décadas de existência, a marca mantém sua “chama acesa”, referência direta ao método de preparo dos hambúrgueres grelhados no fogo. A publicidade estabelece uma analogia entre esse atributo do produto e a longevidade das relações amorosas entre casais idosos.

Nas cenas da campanha, figura 01 e figura 02, diferentes casais aparecem trocando olhares, gestos de carinho e momentos de cumplicidade dentro de restaurantes da marca. A narrativa sugere que, mesmo após muitos anos juntos, a paixão permanece viva na vida dos idosos, assim como o fogo que caracteriza a identidade do produto.

A primeira imagem, figura, 01, apresenta um *print* do vídeo veiculado pela marca dividida em dois momentos que constroem uma pequena narrativa visual. À esquerda, observa-se o casal idoso sentado à mesa, em uma situação de convivência cotidiana; à direita, o enquadramento mais fechado evidencia um gesto de intimidade, representado pelo beijo. Essa justaposição produz uma progressão simbólica que desloca o olhar do espectador do campo da sociabilidade pública para o da afetividade privada, ainda que ambos se realizem no mesmo espaço, o restaurante.

Figura 01 – *Print* do vídeo institucional da propaganda da marca com casal de idoso na lanchonete



Fonte: Burger King br (2024)

Do ponto de vista estético, observamos que o ambiente é iluminado de forma quente e homogênea, com predominância de cores que remetem à identidade visual da marca, como o laranja e os tons terrosos. Esse tratamento cromático reforça a metáfora da “chama”, já discutida anteriormente, não apenas como atributo do produto, mas como signo de vitalidade, energia e continuidade, agora transposto para o campo das relações afetivas na velhice.

No que diz respeito à representação da pessoa idosa, a cena evidencia um deslocamento em relação a estereótipos tradicionais, como o isolamento e a incapacidade. O casal é apresentado em posição de conforto e protagonismo, sem marcas de fragilidade, dependência ou limitação física. Ao contrário, os sujeitos são construídos como socialmente ativos, ao frequentarem um espaço público de consumo; emocionalmente engajados, por meio de expressões de leveza, sorriso e cumplicidade; e autônomos, ao ocuparem o ambiente sem a mediação de familiares ou cuidadores. Um elemento simbólico relevante é o uso da coroa de papel pela mulher, objeto associado à experiência lúdica da marca, que contribui para deslocar a velhice do campo da seriedade para o da brincadeira e da leveza, tensionando expectativas normativas sobre o comportamento de corpos envelhecidos.

Ao apresentar o beijo entre o casal, a campanha introduz uma dimensão importante relacionada à sexualidade e à afetividade na velhice. Trata-se de um gesto ainda pouco explorado na publicidade, sobretudo em contextos públicos de consumo, o que confere à imagem um caráter de ruptura simbólica. No entanto, essa representação ocorre de maneira mediada: o beijo é delicado, breve e não erotizado, enquanto o enquadramento privilegia uma estética de ternura e respeito.

Além disso, o espaço da lanchonete assume papel central na construção de sentido. Ao situar o momento de intimidade nesse ambiente, a campanha associa o consumo a experiências afetivas significativas, naturaliza a presença da pessoa idosa como cliente e desloca esse público para o centro da experiência de marca. O afeto, nesse contexto, não se apresenta desvinculado do consumo, mas mediado por ele, reforçando a ideia de que o restaurante não oferece apenas produtos, mas também experiências emocionais.

A postagem do Instagram, figura 02, apresenta uma composição tripartida, *post* carrossel dividido em três publicações consecutivas, que reúne diferentes cenas de casais idosos em momentos de intimidade e afeto, todos situados em contextos

associados à experiência de consumo da marca. Essa organização visual produz um efeito de repetição e reforço discursivo, no qual a recorrência do gesto afetivo, o beijo, atua como elemento central na construção de sentido da campanha. Ao multiplicar essas representações, a narrativa publicitária amplia a visibilidade da velhice e sugere que o afeto e o desejo não são exceções, mas experiências possíveis e contínuas ao longo do envelhecimento.

Figura 02 – Campanha veiculada no Instagram da marca com casais de idosos



Fonte: Instagram oficial da marca no Brasil

Do ponto de vista estético, observa-se a manutenção de uma paleta cromática quente, com predominância de tons alaranjados e terrosos, que dialogam diretamente com a identidade visual da marca e com a metáfora da “chama”. Esse tratamento visual contribui para a criação de uma atmosfera de calor, proximidade e vitalidade, reforçando a associação simbólica entre o fogo, elemento central na comunicação do produto, e a permanência do desejo nas relações afetivas. Além disso, o uso de enquadramentos próximos intensifica a sensação de intimidade, aproximando o espectador das cenas e favorecendo uma leitura emocional das imagens.

No que se refere à representação da pessoa idosa, a imagem reforça a construção de sujeitos ativos, autônomos e inseridos em dinâmicas sociais e de consumo. É forçoso perceber a existência de uma sociedade global em que até as próprias atividades políticas se submetem às regras do mercado, ao ponto que o exercício da cidadania – núcleo das relações sociais- não se desvincula do consumo, atividade que traz o sentimento de pertencimento na vida social (Canclini, 2015). Os casais são apresentados em diferentes contextos, no interior da lanchonete e no espaço do automóvel, o que amplia a ideia de mobilidade, independência e participação social. Não há indícios de fragilidade ou dependência, mas sim de protagonismo e vivência plena de experiências afetivas. Essa abordagem contribui para tensionar estereótipos historicamente associados à velhice, deslocando-a para um campo de visibilidade positiva e valorizada desse contingente que, segundo dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dentro de 45 anos, corresponderão a cerca de 37,8% da população brasileira, ou seja, 75,3 milhões de pessoas idosas em nosso país (Agência Senado, 2025).

A recorrência do beijo como gesto central nas três cenas evidencia uma abordagem direta da afetividade e, de forma mais ampla, da sexualidade na velhice. Ao trazer esse tipo de representação para o centro da narrativa publicitária, a campanha rompe com a tendência de invisibilização do desejo em corpos envelhecidos.

Outro aspecto relevante diz respeito à articulação entre afeto e consumo. A presença de elementos como bandejas, copos e embalagens, bem como a ambientação nos espaços da marca, evidencia que essas experiências afetivas estão diretamente vinculadas ao universo mercadológico. A campanha, nesse sentido, não apenas reconhece a pessoa idosa como público consumidor, mas também associa o consumo a momentos de prazer, intimidade e celebração. Ao inscrever o slogan *“70 anos depois a chama ainda está acesa”*, a narrativa reforça a analogia entre a longevidade da marca e a continuidade das relações afetivas, estabelecendo um paralelo simbólico entre produto e experiência emocional.

A imagem também permite uma leitura crítica acerca dos limites dessa representação. Embora promova maior visibilidade e contribua para a desconstrução de estereótipos, a campanha insere a velhice em uma lógica de consumo que pode ser seletiva e normativa. Os sujeitos representados correspondem a um perfil específico de envelhecimento, ativo, saudável, heterossexual e economicamente inserido, o que pode invisibilizar outras experiências da velhice. Dessa forma, evidencia-se uma tensão entre inclusão e instrumentalização, na qual a ampliação de representações ocorre simultaneamente à sua mobilização como estratégia de comunicação e posicionamento de marca.

### **Empoderamento, visibilidade da pessoa idosa, sexualidade e afetividade na velhice**

Um dos aspectos mais relevantes da campanha é a forma como os idosos são representados. Em vez de serem retratados como figuras frágeis ou dependentes, os personagens aparecem como sujeitos ativos, autônomos e confiantes. Essa representação pode ser interpretada como um movimento de empoderamento simbólico da pessoa idosa. Ao ocupar o centro da narrativa publicitária, esses personagens ganham visibilidade e protagonismo em um espaço cultural, a publicidade, historicamente dominado por imagens da juventude.

Outro elemento relevante na campanha é a abordagem da sexualidade na velhice. As cenas sugerem intimidade e desejo entre os casais, ainda que de maneira sutil e bem-humorada. A publicidade frequentemente evita representar a sexualidade de pessoas idosas, reforçando a ideia de que o desejo estaria associado apenas à juventude. Ao romper parcialmente com esse padrão, a campanha propõe uma narrativa que reconhece a continuidade da vida afetiva e sexual ao longo do envelhecimento.

Essa abordagem também dialoga com debates contemporâneos sobre idadismo, a discriminação baseada na idade, ao desafiar a ideia de que a velhice seria necessariamente marcada pela perda de desejo ou pela ausência de romance (Pires Teixeira, 2023b).

Nesse sentido, a campanha contribui para tensionar estereótipos tradicionais sobre o envelhecimento, sugerindo que a velhice pode ser marcada por vitalidade, afeto e

participação social, conforme podemos observar na publicidade da marca nas figuras 03 e 04, a seguir.

*Figura 03 – Casal de idosos trocando afetos no estacionamento da lanchonete*



Fonte: Instagram oficial da marca (2024)

A imagem acima, figura 03, apresenta um casal idoso em um momento de intimidade no espaço externo da lanchonete, mais especificamente no estacionamento, o que amplia a representação da velhice para além do ambiente interno e controlado do consumo, reforçando sua circulação e presença em diferentes esferas sociais. O enquadramento evidencia um beijo mais intenso e corporalmente engajado, com aproximação dos corpos, toque e apoio físico, o que acentua a dimensão da sexualidade na velhice de maneira mais explícita em comparação às cenas anteriores, tensionando de forma mais incisiva o imaginário social que tende a associar o desejo à juventude. Nesse sentido, a imagem opera como um dispositivo de visibilidade, ao colocar corpos envelhecidos em uma situação de afeto e desejo em um espaço público, rompendo com a lógica de invisibilização e restrição desses sujeitos ao campo da passividade.

Ao mesmo tempo, há um evidente processo de empoderamento simbólico, na medida em que os personagens são representados como autônomos, ativos e donos de suas experiências afetivas, sem qualquer mediação ou julgamento externo. No entanto, essa construção não se dá de forma neutra, pois está diretamente articulada ao universo da marca, evidenciado pela presença do logotipo e dos elementos visuais associados ao consumo, o que indica que essa visibilidade e valorização da velhice também se inscrevem em uma estratégia mercadológica. Ainda assim, ao explicitar um gesto de desejo mais intenso e corporalizado, a campanha avança na ampliação das formas de representação da afetividade na velhice, contribuindo para deslocar limites simbólicos historicamente impostos a esses corpos, mesmo que o faça dentro de uma lógica de comunicação publicitária.

Figura 04 – Casal de idosos trocando caricias no estacionamento da lanchonete



Fonte: Instagram oficial da marca (2024)

A imagem apresenta um casal idoso caminhando de mãos dadas em direção à unidade da marca, ocupando o centro da composição e sendo observado a partir de um enquadramento em perspectiva que valoriza o movimento e a continuidade. Essa construção visual reforça a ideia de trajetória compartilhada, articulando diretamente o envelhecimento à noção de permanência e de experiência vivida.

No que diz respeito ao empoderamento e à visibilidade, os sujeitos são representados como autônomos, ativos e inseridos no espaço público, deslocando a velhice de uma posição de marginalidade para o protagonismo na cena, sem marcas de dependência ou fragilidade. O gesto de caminhar lado a lado, aliado ao toque corporal, com as mãos dadas e o braço apoiado, evidencia uma dimensão de afetividade que, embora mais sutil do que nas imagens anteriores, reafirma a continuidade dos vínculos emocionais ao longo do tempo.

Ao mesmo tempo, a imagem sugere uma dimensão de intimidade e desejo mediada pela cumplicidade e pela proximidade física, indicando que a sexualidade na velhice não se limita à expressividade explícita, mas também se manifesta em gestos cotidianos de cuidado e conexão. A presença do espaço arquitetônico da marca como destino do casal inscreve essa experiência afetiva no interior de uma lógica de consumo, na qual o percurso físico em direção ao restaurante simboliza também a integração desses sujeitos ao mercado.

Assim, a campanha articula visibilidade, empoderamento e afetividade em uma narrativa que valoriza o envelhecimento ativo, ao mesmo tempo em que o incorpora como parte de uma estratégia de posicionamento mercadológico.

## **A pessoa idosa enquanto sujeito consumidor**

O envelhecimento da população tem ampliado o chamado “mercado da longevidade”, formado por consumidores com maior expectativa de vida, autonomia financeira e hábitos de consumo próprios. Com efeito, é sabido que a condição de envelhecimento não é determinada apenas por fatores psicofísicos, mas também por aspectos como gênero, classe social, nível de escolaridade, traços de personalidade, experiências de vida e o contexto socioeconômico em que o indivíduo está inserido (Barletta, 2010). Nesse contexto, incluir idosos nas narrativas publicitárias não apenas promove diversidade representacional, mas também responde a interesses econômicos do mercado.

Além das dimensões simbólicas, a campanha também evidencia uma estratégia de mercado. Ao apresentar idosos frequentando restaurantes da rede, a publicidade reconhece esse grupo como um público consumidor relevante.

Assim, a campanha pode ser interpretada como parte de um movimento mais amplo em que marcas passam a dialogar diretamente com consumidores mais velhos, reconhecendo seu papel no cenário de consumo contemporâneo, verificando-se que os indivíduos idosos estão posicionados, cada vez mais, como participantes efetivos das práticas de consumo, portadores de demandas, preferências e comportamentos próprios, que passam a exigir maior atenção por parte do mercado. Não se trata apenas de um público em expansão, mas de um grupo diverso, cuja expressiva presença econômica e social requer abordagens com contornos específicos às suas particularidades e às diferentes formas pelas quais se inserem na sociedade de consumo.

## **Considerações finais**

A análise da campanha “A chama continua acesa”, criada para celebrar os 70 anos do Burger King, evidencia como a publicidade contemporânea pode atuar como espaço de produção e circulação de novos sentidos sobre o envelhecimento.

Ao apresentar casais idosos em situações de romance, intimidade e consumo, a campanha desafia estereótipos tradicionais que associam a velhice à passividade ou à invisibilidade social. Nesse sentido, a narrativa publicitária contribui para ampliar a visibilidade da pessoa idosa, enfatizando aspectos como autonomia, desejo e participação na vida social.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que essa representação também se insere em uma lógica de mercado. O reconhecimento do público idoso como consumidor potencial constitui um elemento estratégico para as marcas, especialmente em um contexto de envelhecimento populacional.

Dessa forma, a campanha revela uma tensão característica da publicidade contemporânea: ao mesmo tempo em que promove representações mais inclusivas e diversas, também mobiliza essas narrativas como parte de estratégias de comunicação e posicionamento de marca.

A campanha analisada demonstra, por fim, como discursos sobre envelhecimento, sexualidade e consumo podem ser articulados no campo publicitário, contribuindo para a construção de novas percepções sociais sobre a velhice, realocando-os enquanto consumidores ativos que são, representantes e representados na cadeia de consumo.

## Referências

AGÊNCIA SENADO. **Envelhecimento da população impulsiona novas ações em defesa dos idosos**. Brasília, DF: Senado Federal, 18 jun. 2025. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2025/06/envelhecimento-da-populacao-impulsiona-novas-acoes-em-defesa-dos-idosos>. Acesso em: 31 mar. 2026.

BATISTA, F. E. A.; JUNIOR, G. S.; TEIXEIRA, D. P.; DANTAS, I. J. M. O protagonismo da pessoa idosa e a ressignificação da velhice no cinema: uma análise do filme *A Grande Mentira* (2019). **Rev. Longeviver**, Ano VIII, n. 33, Abr/Maio/Jun. São Paulo, 2026. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/117/106>. Acesso em 03 abr. 2026

BATISTA, F. E. A.; CAIXETA, R. F. Perspectiva Socioantropológica sobre Envelhecimento, Moda e Identidade. In: **Rev. Longeviver**, Ano I, n. 4, Out/Nov/Dez, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/803/862>. Acesso em 21 mar. 2026.

BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARLETTA, F. R. **O direito à saúde da pessoa idosa**. São Paulo: Saraiva, 2010.

BURGER KING BR. **Chama acesa | 2 Whopper por R\$25**. YouTube, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vEnbKUfJaIQ>. Acesso em: 11 mar. 2026.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 8<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

ESCORSIM, S. M. O envelhecimento no Brasil: aspectos sociais, políticos e demográficos em análise. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 142, p. 427–446, set./dez. 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/356685254\\_O\\_envelhecimento\\_no\\_Brasil\\_aspectos\\_sociais\\_politicos\\_e\\_demograficos\\_em\\_analise](https://www.researchgate.net/publication/356685254_O_envelhecimento_no_Brasil_aspectos_sociais_politicos_e_demograficos_em_analise). Acesso em: 21 mar. 2026

FALEIROS, V. de P.; VIANNA, L. G.; OLIVEIRA, M. L. C. de. A ressignificação da velhice num cine-debate. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 133-151, 2017. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/64342/48732>. Acesso em 29 jan. 2026

OLIVEIRA, A. C. de. **A velhice conectada e suas representações na publicidade em vídeo brasileira**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. <https://doi.org/10.11606/D.27.2019.tde-21022019-144906>. Acesso em: 21 mar. 2026.

PIRES TEIXEIRA, D. Da invisibilidade à aparição discreta: um estudo sobre velhice e moda na revista Claudia (1997-2010). **Revista dObras (Online)**, v. 1, p. 171-185, 2023a. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1521>. Acesso em 21 mar. 2026.

PIRES TEIXEIRA, D. Idadismo, humor e gênero na sociedade brasileira contemporânea. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v.34, n.2, p.01-16, 2023b. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/15283/8892>. Acesso em: 21 mar. 2026.

ZANON, R. R.; MORETTO, A. C.; RODRIGUES, R. L. Envelhecimento populacional e mudanças no padrão de consumo e na estrutura produtiva brasileira. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 30, p. S45–S67, 2013. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/383>. Acesso em: 21 mar. 2026.

*Data de recebimento: 03/04/2026; Data de aceite: 15/06/2026*

---

**Fabiano Eloy Atílio Batista** - Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania (UFV). Professor do Bacharelado em Design (UEMG – Ubá). Doutor em Economia Doméstica, atual Política Social (UFV) e doutorando em Artes, Cultura e Linguagens (UFJF). Graduado em Arte e Design Moda. E-mail: [fabiano.batista@uemg.br](mailto:fabiano.batista@uemg.br)

**Felipe Antônio Mendes Ferreira** - Mestre em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com ênfase em pesquisas voltadas para os Direitos Humanos, Vulnerabilidades, Idosos e Direito do Consumidor. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [advogado.felipemendes@gmail.com](mailto:advogado.felipemendes@gmail.com)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

## **Envelhecimento LGBTQIAPN+ e atuação comunitária: um relato de estágio em psicologia da saúde fundamentado na análise do comportamento**

---

*Caíque Pala Silvestre*

*Diane Portugueis*

*Joice Jaqueline Romani*

*Eliana Isabel de Moraes Hamasaki*

### **Introdução**

**P**ara Feuerwerker (2003), a integração entre o ensino e a realidade social é imprescindível na formação do profissional da saúde. Em sua grande parte, o trabalho do profissional de saúde é exercido dentro de equipes multiprofissionais. Admite-se, então, que a formação deste profissional o prepare para atuar em diversos cenários e contextos ao longo de sua formação, considerando o estágio supervisionado uma oportunidade de não somente aplicar os conhecimentos adquiridos, mas de desenvolver visão e pensamento críticos da realidade que ocupa e a capacidade para resolver problemas reais que o cercam.

Entende-se a Psicologia Social da Saúde como o compromisso do profissional com os direitos sociais, sob uma perspectiva do coletivo. Ao contrário da visão mais tradicional e individual da Psicologia, esse modelo tende a estar em serviços comunitários de atuação primária, onde a necessidade é a promoção da saúde ou prevenção da doença (Spink, 2010). Para Bock e Gianfaldoni (2010), a inclusão de direitos humanos na formação e na prática de psicólogos é essencial para incutir o comprometimento ético para a transformação social, garantindo a promoção de direitos fundamentais de todo e qualquer indivíduo.

A comunidade é compreendida como o espaço geográfico, social, econômico, político e simbólico em que o indivíduo está inserido. E o papel da Psicologia Comunitária é estudar as condições que impossibilitam ou prejudicam que um indivíduo faça parte do coletivo. Mais do que diagnosticar e intervir, o papel do psicólogo comunitário é compreender a realidade daquele grupo e como esta se reflete na experiência individual (Góis, 1994).

Um grande desafio enfrentado pelo profissional da saúde, incluindo o psicólogo, é o atendimento a populações e grupos marginalizados que, frequentemente, possuem características e especificidades distintas de grupos majoritários, considerados normativos. A população LGBTQIAPN+, de acordo com Souza e colaboradores (2022), apresenta alta prevalência de transtornos psiquiátricos quando comparada à populações cisgêneras e heterossexuais. Transtorno de ansiedade generalizada [TAG], transtorno depressivo maior e transtorno de estresse pós-traumático [TEPT] estão entre os diagnósticos com maior incidência deste grupo. Além de ideação suicida e tentativas efetivas de suicídio, abuso de substâncias e diversificados

comportamentos qualificados como de risco (Malta *et al.*, 2020; Plöderl; Tremblay, 2015).

Moraes e colaboradores (2010) descrevem o envelhecimento como um conjunto de consequências da passagem do tempo. É um processo de natureza multifatorial e resultante da intersecção de vulnerabilidade, variabilidade e irreversibilidade das mudanças do corpo de um indivíduo. Para Skinner e Vaughan (1985), o envelhecimento pode ser vivido de forma mais saudável, se o indivíduo desenvolve habilidades para aumentar comportamentos qualificados como mais funcionais e para reduzir comportamentos prejudiciais. Entretanto, quando se fala da comunidade LGBTQIAPN+, é possível se deparar com desafios adicionais, visto que o envelhecimento dessa população é marcado pela “múltipla marginalização”; isto é, pela junção do etarismo com a LGBTfobia e, na maioria dos casos, de outras formas de preconceito, como racismo, elitismo e xenofobia (Oliveira, 2024).

Uma vida experienciando múltiplas formas de preconceito podem reforçar comportamentos de isolamento e retração do indivíduo e, conseqüentemente, resultando em rupturas familiares, autoexclusão da comunidade e até mesmo o afastamento dos serviços de saúde, devido à falta de acolhimento ou ao (des)preparo dos profissionais, uma vez que a Política Nacional de Saúde Integral LGBT do Brasil menciona idosos apenas de forma superficial (Brasil, 2013). Mesmo que não haja justificativas para tal invisibilização, é possível analisá-la como resultado de uma pandemia disseminada globalmente entre os anos 1980 e 1990: a pandemia de HIV/AIDS que, por sua vez, afetou diretamente a comunidade LGBTQIAPN+, principalmente homens gays, bissexuais e pessoas trans, de maneira tão forte que até os dias atuais existe uma associação entre a comunidade e a doença, que dizimou grande parte deste grupo que, atualmente, seria composta por indivíduos idosos (Bertoli, 2021).

Sob a ótica da Psicologia Social, é possível entender fatores-chave, como preconceitos internalizados e processos de desenvolvimento de identidade individual e comunitária (Guzzo; Lacerda Jr., 2007). Adicionalmente, a *Análise do Comportamento*, além de oferecer ferramentas e práticas que permitem o reforço de comportamentos funcionais para o indivíduo e sociedade, permite uma análise histórica e interacionista da relação do indivíduo com o meio em que está inserido (Skinner, 2003).

Essa proposta de leitura estabelecendo essa conexão entre a *Análise do Comportamento* para a discussão de fenômenos sociais não é recente: Skinner (2003) já se dedicava a essa empreitada, definindo o comportamento social como aquele cujas consequências são resultado das contingências de comportamentos operantes de outro indivíduo, de forma participativa ou mediadora. Tais consequências podem ser compreendidas a partir dos mesmos princípios da análise do comportamento individual. Guerin (2001) discute os potenciais avanços nessa direção.

Sampaio e Andery (2010) afirmam que o comportamento social tem como ambiente influenciador das respostas justamente outros indivíduos, a sociedade. Embora considerado mais imprevisível, visto que as consequências da contingência dependem de outros seres humanos, não é um comportamento além do comportamento individual. Isto é, o repertório individual é modelado a partir das

relações estabelecidas entre indivíduos pertencentes a uma determinada comunidade e as suas práticas culturais.

Nesse sentido, a *Análise do Comportamento* tem uma competência contracultural, podendo ser utilizada para não somente analisar práticas culturais injustas, mas para transformá-las. Laurenti e Lopes (2022) classificam o comportamento humano de maneira relacional e contextual. Partindo desse ponto, o comportamento humano é analisado considerando histórias evolutivas, sociais e de aprendizagem, possibilitando compreender a fabricação de desigualdades para além de essencialismo ou individualidade, mas sim como produtos de ambientes sociais desiguais.

A velhice LGBTQIAPN+ constitui, por sua vez, um campo de análise relevante para a Psicologia, visto que essa população vivencia o envelhecimento atravessado por múltiplas camadas de desigualdade, invisibilidade e restrição de repertórios comportamentais. Somente assumindo uma posição política e comprometida com a ética, com a sociedade e com sua transformação, é possível investigar problemas sociais em um ambiente historicamente estruturado para que esses problemas existam.

Partindo dessa proposta, o presente trabalho consiste em um relato de experiência vivenciada a partir de práticas em um estágio supervisionado em Psicologia Comunitária e da Saúde, de uma universidade na região da Grande São Paulo. O estágio foi realizado na Eternamente Sou (ESou), associação sem fins lucrativos que oferece serviços voltados ao bem-estar e à promoção de direitos da população LGBTQIAPN+ idosa. Os objetivos gerais do estágio supervisionado foram conhecer a organização e o funcionamento dela relacionado à saúde de seus integrantes e promover a saúde nas comunidades, grupos ou instituições. Os objetivos específicos do estágio supervisionado aqui descrito foram compreender os processos psicológicos da instituição e de seus usuários, compreender os fenômenos humanos de ordem social e planejar intervenções críticas junto à instituição para a promoção da saúde e da cidadania.

Deste modo, este relato de experiência tem, como objetivo, analisar e refletir de forma crítica as experiências relatadas e compreender particularidades desta população, visando contribuir com futuras intervenções e práticas psicossociais afirmativas.

### **Descrição da experiência**

A Associação Eternamente Sou (ESou) é uma instituição sediada na cidade de São Paulo, fundada em 2017, com o objetivo de oferecer espaços de segurança, acolhimento e apoio social, emocional e jurídico para a população LGBTQIAPN+, a partir dos 50 anos de idade. Dentro de seu quadro de atividades regulares, a instituição realiza atividades culturais, oficinas educativas, grupos de apoio e eventos sociais, com o intuito de combater a solidão, a invisibilização e a discriminação frequentemente vivenciadas por essa população.

Além de eventos e atividades realizadas para os seus associados, a ESou trabalha promovendo campanhas para a sensibilização e a conscientização da sociedade em outras instituições, públicas e privadas, e colabora com órgãos públicos e entidades

civis na criação de políticas inclusivas. Apesar de ter seu trabalho reconhecido nacional e internacionalmente, a ESou ainda representa uma iniciativa relevante, mas ainda regional e isolada perante a escassez de instituições voltadas especificamente para esse recorte da população.

Por uma decisão estratégica, a ESou adota o marco dos 50 anos de idade como referência para o início da “velhice LGBTQIAPN+”, considerando a falta de modelos de envelhecimento para essa população. Essa definição se justifica por múltiplos fatores históricos e sociais, como a pandemia de HIV/AIDS, que vitimou grande parte da população LGBTQIAPN+ nas décadas de 1980 e 1990, e, mais recentemente, a pandemia de Covid-19, durante a qual os sobreviventes da primeira passaram novamente a ser considerados grupo de risco para ela. A faixa etária média atual dos participantes é de 65 anos, e o número médio de participantes nas atividades é de 15 a 20 pessoas. A maioria se identifica como homens cisgênero homossexuais, seguidos por mulheres cisgênero homossexuais e, em menor proporção, pessoas trans. Aproximadamente 85% dos participantes possuem ensino médio completo e, atualmente, encontram-se aposentados.

Para participar das oficinas, não é necessário ser associado à instituição, mas é exigido o cadastro junto ao núcleo de assistência social da ESou. O próprio participante pode escolher as oficinas das quais deseja participar, embora o núcleo também possa indicar outras atividades com base nas informações coletadas na ficha de cadastro, de forma a atender demandas específicas.

As práticas desenvolvidas no estágio supervisionado foram realizadas na ESou ao longo de dois semestres letivos, mais especificamente entre os meses de março e de novembro de 2024, com o intervalo do recesso acadêmico da universidade no mês de julho, e conduzidas pela primeira coautoria deste artigo. A carga horária semanal foi de quatro horas presenciais, cumpridas majoritariamente às quintas-feiras, sob supervisão, respectivamente, da segunda coautoria e da terceira coautoria deste artigo.

As atividades do estágio foram realizadas, em sua maior parte, na sede da instituição. Durante o período de estágio, também houve eventos externos e ações em parcerias com empresas privadas. Inicialmente, as visitas semanais de quatro horas foram dedicadas à observação e escuta, permitindo não somente a familiarização do estagiário com o ambiente, participantes e equipe, mas deles para com o estagiário simultaneamente. Progressivamente, o estagiário foi se encaminhando para a mediação e a condução de rodas de conversa, juntamente da psicóloga responsável pela oficina.

A roda de conversa semanal foi a principal estratégia de intervenção psicossocial. As propostas de intervenção, vindas para a roda a partir dos temas, diferentes semanalmente, foram construídas por meio da escuta sensível das demandas identificadas e validadas em supervisão, respeitando o tempo e o protagonismo dos participantes, além dos princípios éticos da Psicologia. Ao todo, 25 encontros tiveram sugestões de tema e dinâmicas desenvolvidas pelo estagiário, com a aprovação da ESou e das supervisoras responsáveis. O Quadro 1 descreve os temas de cada encontro realizado.

A definição dos temas das rodas de conversa seguiu um processo dinâmico e progressivo ao longo do estágio. Inicialmente, os temas foram propostos pelo estagiário a partir da observação ativa das interações e das demandas identificadas nos próprios encontros, sendo sistematicamente discutidos e validados em supervisão com a psicóloga responsável pela oficina, que acolheu as sugestões com abertura e concedeu ampla liberdade para a condução das propostas.

Com o fortalecimento do vínculo entre estagiário e participantes, emergiu um movimento de protagonismo do grupo: os próprios participantes passaram a chegar aos encontros com sugestões de temas que gostariam de explorar coletivamente. Esse deslocamento do estagiário como proponente para os participantes como coautores das pautas reflete, em si, um dos efeitos das intervenções: o fortalecimento da autonomia e da voz dos participantes no espaço da roda.

**Quadro 1:** Encontros realizados durante o Estágio Supervisionado na ESou (2024).

<b>Data</b>	<b>Tema</b>	<b>Objetivo da Atividade</b>
21/03/2024	Apresentação do estágio	Acolhimento e vínculo inicial
28/03/2024	O que é renascer?	Reflexão sobre recomeços
05/04/2024	Movimento da vida	Mudanças da vida
18/04/2024	Corpo e envelhecimento	Mudanças corporais
25/04/2024	Colcha de retalhos: Parte 1	Estimular memória afetiva
09/05/2024	Compromisso da Psicologia	Explicar psicologia comunitária
16/05/2024	Colcha de retalhos: Parte 2	Estimular memória afetiva
23/05/2024	Memória e história de vida	Resgatar memória
06/06/2024	Parada LGBTQIAPN+	Compartilhar experiências
20/06/2024	Vivência LGBT no trabalho	Refletir inclusão no trabalho
01/08/2024	Retorno do estágio	Retomar vínculo
08/08/2024	TCC: De Cacura à Maricona	Discutir TCC do estagiário
15/08/2024	Família de origem e escolhida	Refletir sobre vínculos afetivos
22/08/2024	Bingo com pajubá	Perpetuar cultura LGBTQIAPN+
29/08/2024	Redes de apoio	Discutir a importância das redes
05/09/2024	Dia do sexo: Parte 1	Desejo e prazer na velhice
12/09/2024	Dia do sexo: Parte 2	Como criar e manter vínculos
19/09/2024	Bingo com pajubá (evento)	Perpetuar cultura LGBTQIAPN+
26/09/2024	Eu Nunca: preconceitos	Refletir homofobia internalizada
03/10/2024	Dinâmica: Bandeiras da sigla	Promover letramento
10/10/2024	Curta: <i>John à procura de aliens</i>	Discutir solidão e conexões
17/10/2024	Cinema: <i>Up! Altas Aventuras</i>	Refletir perdas e reinvenção
24/10/2024	Curta: <i>O casamento de A&amp;W</i>	Discutir o amor na velhice

31/10/2024	Visita ao Museu da Diversidade	Reforçar identidade social
07/11/2024	Encerramento do estágio	Celebração

---

Fonte: Dados elaborados pelo primeiro coautor.

A partir da ótica da Psicologia Social, diferentes estratégias foram elaboradas com o objetivo de promover o fortalecimento identitário, o sentimento de pertencimento e a construção de significado para o coletivo. As rodas de conversa, ferramenta primária da intervenção, foram pensadas como espaços de diálogo horizontal, que aproximassem os mediadores (a psicóloga responsável e o estagiário) dos participantes, de maneira que o encontro realmente fosse vivenciado e sentido como um espaço de troca e de aprendizado mútuos.

As experiências dos idosos LGBTQIAPN+ que subsidiaram as intervenções não foram tomadas exclusivamente a partir das suas histórias individuais, mas como resultado de uma estrutura construída com base em desigualdades e exclusões voltadas a esse grupo de indivíduos. Os temas das rodas de conversa foram selecionados com a intenção de promover reflexão crítica sobre a própria história, ao mesmo tempo que a reconhecesse como parte de um todo (do coletivo), reforçando, assim, os vínculos coletivos.

Técnicas de evocação de memórias, dramatizações simbólicas, role-playing e exercícios de autoexpressão foram utilizados com o objetivo de trabalhar preconceitos internalizados, fortalecer a autoestima e incentivar o letramento e a atualização da comunidade à qual os participantes fazem parte.

A mediação das intervenções realizadas durante o estágio supervisionado foi dirigida pelos princípios da *Análise do Comportamento*, como a observação das contingências presentes nas interações do grupo, pela modelagem de repertórios sociais, como incentivo à fala e à expressão de emoções, a adoção de esquemas de reforçamento positivo para a emissão de comportamentos funcionais, a partir do reconhecimento, da escuta, da validação e de elogios. Tais ferramentas vêm sendo descritas e usadas na área há algum tempo (Guerin, 1994, 1992, 2001) e contribuíram para o aumento da frequência e do engajamento dos participantes na atividade e no fortalecimento do vínculo deles com o estagiário, a quem, de início, se mostraram inibidos e desconfiados.

Em certos momentos, foram identificados comportamentos verbais que indicavam autodepreciação, vergonha ou sofrimentos relacionamentos à identidade individual ou coletiva. Nestas ocasiões, era adotado o uso de reforçamento diferencial, valorizando comportamentos dos participantes que demonstrassem autoaceitação, resiliência e capacidade de reflexão crítica e enfrentamento. Essa abordagem proporcionou um aumento no repertório de respostas dos participantes, que, com o avanço do estágio, foram demonstrando respostas emocionais mais saudáveis frente às contingências adversas apresentadas pelos temas e por eles próprios.

Todas as atividades realizadas durante o estágio supervisionado seguiram os princípios éticos estabelecidos pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2005) e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais [DCN's] para os cursos de graduação em Psicologia (Ministério da

Educação, 2023). Foram garantidos o anonimato e a confidencialidade das informações compartilhadas pelos participantes durante as intervenções e demais atividades, excluindo quaisquer identificações diretas ou indiretas dos envolvidos.

A participação nas atividades foi totalmente voluntária, respeitando o interesse de cada indivíduo em compartilhar as suas vivências e/ou permanecer em escuta. Embora não tenha havido coleta formal/quantitativa de dados, foram adotados cuidados especiais para garantir um espaço seguro, acolhedor e não invasivo, principalmente quando o objetivo da roda foi abordar temas sensíveis, relacionados à identidade, à trajetória de vida e às experiências de cada um.

A atuação do estagiário foi constantemente supervisionada e orientada por docentes extremamente qualificados e éticos, que prezaram pelo respeito e pela valorização não apenas dos participantes, mas também dos limites pessoais do próprio estagiário ao longo do estágio, em consonância com o compromisso social da Psicologia.

### **Resultados e discussão**

Foi possível observar o envolvimento afetivo dos participantes com as propostas das rodas de conversa. Alguns relataram que faziam parte do grupo desde a sua formação e que, por meio dele, construíram vínculos que ultrapassaram o espaço da instituição e dos encontros semanais, reunindo-se também para momentos de lazer e de convívio fora das oficinas. Houve relato de que as rodas de conversa e o vínculo estabelecido entre os integrantes do grupo também motivaram alguns participantes a socializarem mais e até mesmo buscarem reinserção no mercado de trabalho.

O engajamento dos participantes se intensificou ao longo dos encontros propostos pelo estagiário. Os participantes das rodas de conversa passaram a demonstrar interesse ativo na continuidade dos encontros e na manutenção deles no futuro; isto é, quando o estagiário concluísse o seu período de estágio supervisionado. Os participantes, que demonstraram resistência inicial ao estagiário, com o passar das semanas, o incluíram nas rodas como parte delas, e demonstravam sentir a ausência do estagiário quando ele não podia estar presente.

No decorrer do estágio, os participantes foram estabelecendo vínculos afetivos, mas também de confiança com o estagiário e isso repercutiu em maior participação das atividades propostas, frequentemente, sem hesitação. Uma das intervenções marcantes para o estágio foi a realização de um jogo de bingo que, ao invés de números, os sorteios foram realizados com palavras do “pajubá” (Rodrigues; Andrade, 2023), uma forma de comunicação desenvolvida pela comunidade LGBTQIAPN+, principalmente pessoas trans e travestis, para se reconhecer e se proteger em ambientes e contextos em quais se identificava perigo. Muito utilizado durante a ditadura, o pajubá permanece até hoje como patrimônio cultural da comunidade, mas que precisa ser lembrado e perpetuado. As respostas obtidas, após a atividade, foram positivas, com participantes relatando não saber muitas das palavras, mas querendo saber mais. Enquanto outros participantes relataram não somente saberem, mas terem vivido muitas situações em que usar o pajubá se fez necessário, ajudando, inclusive, com contextos e significados durante a atividade.

A confiança dos participantes conquistada pelo estagiário se mostrou estável quando, em uma proposta, foi sugerido que assistissem um filme de animação (Docter, 2009). Apesar da resistência inicial à animação, considerada pelos participantes como infantil, eles assistiram à animação e, ao final, destacaram como a obra fazia sentido para as suas trajetórias e discussões, validando a proposta e reconhecendo a sensibilidade do estagiário em sua escolha.

Foram observadas transformações significativas nos comportamentos dos participantes. O momento destinado às rodas de conversa, antes um espaço de partilha tímida, se tornou um ambiente de expressão genuína e de escuta ativa. Os participantes foram compartilhando as suas vivências com mais profundidade, expressando emoções e expondo pensamentos muitas vezes silenciados ao longo da vida por eles próprios e pela sociedade. Com o decorrer dos encontros, foi possível identificar uma ampliação do repertório comportamental dos participantes e, assim, os discursos anteriormente marcados pela autodepreciação passaram a ser substituídos por discursos de pertencimento, de visão crítica e de reconhecimento da própria história e de seu lugar no mundo.

Os participantes se mostraram abertos a discutir os temas mais sensíveis, como “família escolhida”, “vida sexual” e “afetividade”, acolhendo uns aos outros, respeitando as experiências de cada um e fortalecendo o sentimento de comunidade e de identidade social. O espaço das rodas de conversa se tornou mais do que uma oficina: um espaço de existência validada. A valorização da memória e das trajetórias individuais possibilitou a ressignificação de memórias aversivas, atravessadas por abandono, preconceito e exclusão. Expressões espontâneas de cuidado uns com os outros, de escuta e de companheirismo confirmaram o relato dos participantes de que as rodas de conversa se configuravam um lugar em que podiam ser quem realmente são, sem julgamentos ou censura.

Foi possível identificar o fortalecimento da autoestima e da autopercepção positiva. Participantes que, inicialmente, se apresentavam de forma retraída, com falas breves e pouca expressão emocional, passaram a contribuir com memórias, reflexões e posicionamentos mais profundos ao longo das semanas. Isso demonstra não apenas o efeito das técnicas utilizadas, mas a potência do vínculo construído entre participantes e estagiário, sustentado pela escuta e validação da singularidade de cada um.

Ainda que o estágio supervisionado não tivesse como objetivo a produção de respostas terapêuticas individuais, os efeitos das intervenções foram se evidenciando: ampliação de repertório emocional, reafirmação identitária, criação e fortalecimento de vínculos, aumento de repertório de habilidades sociais e reconhecimento de que é possível envelhecer com dignidade mesmo diante das marcas históricas de exclusão.

Do ponto de vista do estagiário, a experiência nessa modalidade de estágio em Psicologia Comunitária e da Saúde lhe proporcionou um aprofundamento prático da Psicologia que, até então, tinha existência desconhecida. O desafio de compreender a dinâmica de um grupo, conquistar sua confiança e, junto a isso, desenvolver habilidades de escuta sensível e acolhedora, respeito ao tempo do outro e a valorização da história individual foram fundamentais nesse processo.

Assim como o vínculo entre os participantes e o estagiário, ao longo das semanas e das visitas à instituição ESou, habilidades outrora engessadas foram lapidadas: criatividade, planejamento e flexibilidade. Ao se perceber como agente ativo na mediação dos encontros, o estagiário também desenvolveu maior autoconfiança e maior senso de responsabilidade sobre o impacto de suas falas, ações e propostas.

A confiança que o grupo sentiu pelo estagiário também favoreceu na construção de uma identidade profissional. Em um dado encontro, no qual o grupo solicitou que o estagiário falasse sobre o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi um de muitos momentos em que o estagiário sentiu o reconhecimento de seu trabalho como uma produção relevante, reforçando o compromisso com a ciência e com práticas que propiciam a transformação da sociedade.

O estágio supervisionado propiciou, portanto, uma transformação interna na forma como o estagiário se posiciona como futuro psicólogo: mais atento às subjetividades, crítico diante das estruturas sociais excludentes e comprometido com práticas afirmativas. O contato com uma população ferida por múltiplas camadas de vulnerabilidade e preconceito também proporcionou um exercício constante de revisão das próprias crenças e do reconhecimento das potências da coletividade.

### **Considerações Finais**

A literatura sobre Psicologia Social ressalta a importância de espaços como a roda de conversa para a valorização da identidade e o aumento do sentimento de pertencimento de populações marginalizadas. Para a população LGBTQIAPN+ idosa, existe uma complexidade ainda maior, visto que há uma múltipla marginalização (Oliveira, 2024). O estágio, o desenvolvimento de habilidade de escuta e o acolhimento possibilitaram a ressignificação de memórias aversivas e fortalecimento de vínculos sociais. Além da consolidação de uma identidade individual, mas também de uma identidade coletiva (Guzzo; Lacerda Jr., 2007).

Os temas propostos para as rodas de conversa foram planejados de forma cuidadosa, abordando experiências subjetivas e coletivas dos participantes. Muitos dos temas geraram discussões e reflexões complexas, relevantes, que o grupo começou a reproduzir em conversas fora das rodas. Outros temas, embora desafiadores, promoveram reflexões críticas sobre a resistência cultural e a importância da memória histórica para a comunidade LGBTQIAPN+. O impacto pode ser considerado positivo, visto que muitos expressaram vontade de continuar se aprofundando em tais temas, resgatando práticas culturais e perpetuando-as para novas gerações. Algumas limitações foram identificadas, como falta de tempo e de recursos. Em alguns momentos, foi desafiador integrar todos os participantes em discussões mais profundas de determinado assunto, devido à diversidade de experiências dentro do grupo, que reflete diretamente na diversidade existente dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+.

O estágio foi, indiscutivelmente, uma experiência transformadora. Ter a possibilidade de consolidar habilidades técnicas e emocionais convivendo com os participantes das rodas de conversa, experienciando a Psicologia além do *setting* terapêutico tradicional. Cada encontro, cada tema, cada dinâmica, fortaleceram narrativas

individuais e coletivas, contribuindo para a construção de indivíduos mais empoderados e saudáveis.

A experiência aqui relatada destaca a urgência de políticas públicas e práticas psicológicas que contemplem velhices LGBTQIAPN+ de forma inclusiva, digna e interseccional. Que mais estágios como este sejam fomentados e incentivados, preparando futuros profissionais que desenvolverão uma Psicologia comprometida com a transformação social, equidade e respeito à diversidade humana existente em todos, em todas as fases da vida.

## Referências

BERTOLI, E. de O. Impactos socioculturais provocados pela epidemia HIV/AIDS e a pandemia do Corona Vírus/COVID em homens gays idosos. **Anais do Seminário de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 6, p. 01–11, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/scs/article/view/36574>. Acesso em: 29 mar. 2025.

BOCK, A. M. B.; GIANFALDONI, M. H. T. A. Direitos humanos no ensino de Psicologia. **Psicologia Ensino & Formação**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 97–115, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2177-20612010000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177-20612010000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 1 mar. 2025.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA [CFP]. Código de Ética Profissional do Psicólogo. [S. l.], n. 010/05. 21 jul. 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2024.

FEUERWERKER, L. C. M. Educação dos profissionais de Saúde hoje – problemas, desafios, perspectivas e as propostas do Ministério da Saúde. **Revista da ABENO**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 24–27, n. 2, 2 fev. 2003. DOI: <https://doi.org/10.30979/rev.abeno.v3i2.1360>. Disponível em: <https://revabeno.emnuvens.com.br/revabeno/article/view/1360>. Acesso em: 1 mar. 2025.

GÓIS, C. W. de L. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza: Edições UFC, 1994. 135 p. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/42535>. Acesso em: 1 mar. 2025.

GUERIN, B. **Analyzing social behavior: Behavior analysis and the social sciences**. Reno: Context Press, 1994. 399 p. (Analyzing social behavior: Behavior analysis and the social sciences).

GUERIN, B. Behavior Analysis and Social Psychology: A Review of Lana's Assumptions of Social Psychology. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, [S. l.], v. 58, n. 3, p. 589–604, 1992. DOI: <https://doi.org/10.1901/jeab.1992.58-589>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1901/jeab.1992.58-589>. Acesso em: 13 abr. 2025.

GUERIN, B. Individuals as Social Relationships: 18 Ways that Acting Alone can be thought of as Social Behavior. **Review of General Psychology**, [S. l.], v. 5, n. 4, p.

406–428, 1 dez. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1037/1089-2680.5.4.406>. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/1089-2680.5.4.406>. Acesso em: 13 abr. 2025.

GUZZO, R. S. L.; LACERDA JR., F. Fortalecimento em tempo de sofrimento: reflexões sobre o trabalho do psicólogo e a realidade brasileira. **Interamerican Journal of Psychology**, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 231–240, ago. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0034-96902007000200014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-96902007000200014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 28 mar. 2025.

LAURENTI, C.; LOPES, C. E. Uma Análise do Comportamento Contracultural: Perspectivas e Desafios. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 025–040, n. 1, 20 maio 2022. DOI: <https://doi.org/10.18761/DH00024.jan22>. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/833>. Acesso em: 12 abr. 2025.

MALTA, M.; Gomes de Jesus, Jaqueline; LeGrand, Sara; Seixas, Michele; Benevides, Bruna; Silva, Maria das Dores; Lana, Jonas Soares; Huynh, Hy V.; Belden, Charles M.; AND WHETTEN, K. 'Our life is pointless ...': Exploring discrimination, violence and mental health challenges among sexual and gender minorities from Brazil. **Global Public Health**, [S. l.], v. 15, n. 10, p. 1463–1478, 2 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1767676>. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1767676>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Portal da Imprensa Nacional do Brasil. Diário Oficial da União. [S. l.], Seção RESOLUÇÃO CNE/CES N° 1, DE 11 DE OUTUBRO DE 2023. 11 out. 2023. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/ces-n-1-de-11-de-outubro-de-2023-518120795>. Acesso em: 1 mar. 2025.

MORAES, E. N. de; MORAES, F. L. de; LIMA, S. de P. P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Revista Médica de Minas Gerais**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 67–73, 2010. Disponível em: <https://www.rmmg.org/artigo/detalhes/384>. Acesso em: 28 mar. 2025.

OLIVEIRA, P. Saúde para idosos LGBTI+: histórico de lutas, desafios e a contribuição do Serviço Social. **SER Social**, [S. l.], v. 26, n. 54, 30 jan. 2024. Disponível em: [https://periodicos.unb.br/index.php/SER\\_Social/article/view/50168?articlesBySimilarityPage=5](https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/50168?articlesBySimilarityPage=5). Acesso em: 28 mar. 2025.

PLÖDERL, M.; TREMBLAY, P. Mental health of sexual minorities. A systematic review. **International Review of Psychiatry (Abingdon, England)**, [S. l.], v. 27, n. 5, p. 367–385, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.3109/09540261.2015.1083949>. Acesso em: 28 mar. 2025.

RODRIGUES, P. R. A.; ANDRADE, K. dos S. A. Pajubá: linguagem da comunidade LGBTI+ como repertório artístico, social e cultural. [S. l.], 2023. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/5470>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SAMPAIO, A. A. S.; ANDERY, M. A. P. A. Comportamento social, produção agregada e prática cultural: uma Análise Comportamental de fenômenos sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 26, p. 183–192, mar. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/FGbzF87GdG963kkRXRQRtRK/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SKINNER, B. F.; VAUGHAN, M. E. **Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida**. 6ª edição. São Paulo: Summus Editorial, 1 jan. 1985.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 489 p.

SOUZA, J. dos S.; MARQUES, J. M.; SCANAVINO, M. de T.; ZAMIGNANI, D. R.; COSTA, A. B. Desfechos negativos em saúde mental de minorias de sexo e de gênero: uma análise comportamental a partir da teoria do estresse de minorias. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 069–085, n. 1, 20 maio 2022. DOI: <https://doi.org/10.18761/DH027.mart22>. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/836>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SPINK, M. J. P. Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos. **Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos**. [S. l.]: [S.n.], 2010. p. 339–339. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-695595>. Acesso em: 1 mar. 2025.

DOCTER, P. (dir). **UP: ALTAS AVENTURAS**: Pixar/Disney, 4 set. 2009. Longa-metragem (95min). Acesso em: 17 out. 2024.

*Data de recebimento: 04/04/2026; Data de aceite: 15/06/2026*

---

**Caique Pala Silvestre** é psicólogo (06/224190), Mestrando em Psicologia da Saúde e Coordenador do Núcleo de Psicologia da Associação Eternamente Sou. Vinculado à Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: [caiquepala@gmail.com](mailto:caiquepala@gmail.com)

**Diane Portuguezis** é psicóloga (06/77825), Pós-Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como professora na Universidade Metodista de São Paulo com ênfase em Psicologia Social, identidade, migração e vulnerabilidades. E-mail: [diane.portuguezis@metodista.br](mailto:diane.portuguezis@metodista.br)

**Joice Jaqueline Romani** é psicóloga (06/132912), Mestra e Doutoranda em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo. atua como docente e supervisora no curso de graduação em Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, violência contra minorias e relacionamentos abusivos. E-mail: [joiceromani@hotmail.com](mailto:joiceromani@hotmail.com)

**Eliana Isabel de Moraes Hamasaki** é Psicóloga (06/56169), Doutora e Mestra em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo. Atua como professora na Universidade Metodista de São Paulo e como analista do comportamento na prática clínica. E-mail: [elianahamasaki@uol.com.br](mailto:elianahamasaki@uol.com.br)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

## Memória e futuro no envelhecer: histórias de vida em um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos a partir do projeto de extensão universitária Sankofa

---

Larissa da Silva Sousa  
Nara Maria Forte Diogo  
Andie de Castro Lima

### Introdução

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), cerca de 15% da população brasileira é composta por pessoas com mais de 60 anos, ou seja, quase 28 milhões de pessoas, cada uma com uma história única, mesmo que sob a égide do envelhecer (Rocha; Bós, 2021). Pensar nas possibilidades do envelhecimento no Brasil significa deparar-se com a distribuição desigual da longevidade, que prejudica as populações negras e pobres urbanas, menos assistidas por políticas públicas e mais expostas à violência (Rabelo *et al.* 2018).

O envelhecimento atua como um reflexo das contradições sociais, expondo o que a sociedade negligencia, desde as análises de Beauvoir (2018) até o atual cenário de reprivatização da velhice (Debert, 2012). No tensionamento entre o biológico e o cultural, o sujeito moderno tenta dominar a natureza, buscando neutralizar os efeitos do tempo sobre o corpo. Esse processo de apagamento é intensificado sobre as mulheres, cujos corpos tornam-se palcos de intervenções estéticas amplamente midiáticas e vigiadas (Sibilia, 2012; Teixeira; Batista, 2021). Contudo, o recorte de classe e suas intersecções étnico-raciais revelam um silenciamento ainda mais profundo, marginalizando aqueles que habitam as periferias geográficas e sociais. Assim, a tese de Beauvoir (2018) sobre o silêncio em torno da velhice permanece atual e se agrava à medida que as estruturas de opressão se cruzam.

As discussões sobre o envelhecimento costumam ancorar-se na dicotomia entre saúde e doença, representada pelos conceitos de senescência e senilidade. Contudo, tais estados não são fixos, mas processos constantes que demandam a compreensão de seus modos de produção (Rocha; Bós, 2021). Mais do que opor a autonomia da senescência à patologização da senilidade, é preciso questionar como essas categorias reforçam a valorização da independência em uma sociedade individualista. Envelhecer, enquanto processo plural e singular, transborda regularidades culturais; o encontro com a finitude é estritamente pessoal e contextualizado (Teixeira; Souza; Maia, 2021). Nesse sentido, o envelhecimento deve ser compreendido a partir das condições reais de existência, especialmente para aqueles que dependem do Estado como barreira contra a morte prematura.

O envelhecimento situa-se na fronteira entre a trajetória percorrida e a urgência do tempo presente. Nas periferias brasileiras, esse processo é atravessado pela escassez de políticas públicas que promovam o protagonismo social de idosos frente

ao esgarçamento de vínculos gerado pela pobreza (Rodrigues *et al.*, 2021). A violência e os processos de desapropriação desarticulam as relações de vizinhança tradicionais, forçando a reinvenção da existência em territórios que muitas vezes ignoram as memórias desses sujeitos (Silva; Barros, 2021). Nesse contexto, o trabalho com histórias de vida possibilita a circulação de saberes e memórias, permitindo que o sujeito e seu coletivo reconheçam aspectos inéditos de sua própria biografia e se apropriem de suas trajetórias (Todaro; Cachioni, 2021).

A Universidade Federal do Ceará, por meio do projeto de extensão *Sankofa*, no exercício ético-político da problematização do cotidiano de violência e pobreza e, especificamente no tocante à formação em Psicologia, abordando a escuta e o apoio àqueles que enfrentam estas realidades, ofereceu em 2019 oficinas voltadas para trabalhar com histórias de vida e de luta de 35 idosos e idosas moradores de uma das maiores regiões periféricas da cidade de Fortaleza. As oficinas ocorreram como parte das atividades do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), um dos serviços do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) que sediou as atividades.

Conforme a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Brasil, 2014), o Serviço SCFV é uma oferta da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), realizada em grupos e organizada a partir de percursos que garantem aquisições progressivas aos usuários de acordo com seu ciclo de vida. Esta forma de intervenção social planejada cria situações desafiadoras que estimulam e orientam os indivíduos na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, tanto no âmbito familiar quanto no território. O serviço possui um caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação de direitos, buscando ampliar trocas culturais, desenvolver o sentimento de pertença e fortalecer os vínculos comunitários e a socialização.

Para a população idosa, o SCFV assume uma importância estratégica ao focar em atividades que contribuam para um processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo. A intervenção é desenhada para detectar necessidades e motivações, desenvolvendo potencialidades para novos projetos de vida e valorizando as experiências vividas como formas privilegiadas de expressão e proteção social. Além de assegurar espaços de encontro intergeracionais que promovem a convivência comunitária, o serviço atua diretamente na melhoria da sociabilidade e na redução de situações de isolamento social e de risco de institucionalização. Assim, ao potencializar a condição de escolher e decidir dos usuários, o SCFV fortalece o protagonismo e a autonomia, fundamentais para a manutenção da dignidade no envelhecer.

O objetivo deste relato é apresentar a experiência da extensão universitária junto a este serviço e as reflexões que daí surgiram em termos do processo de envelhecer, da importância do ressignificar a vida e dos laços comunitários.

## **Método**

O projeto de extensão intitulado *Sankofa* ganhou este nome pela etimologia do termo. *Sankofa* tem origem nos povos Akan, da África Ocidental (especialmente em Gana), e é parte da simbologia Adinkra (Nascimento; Sá, 2009). O conceito é representado

visualmente de duas formas principais: um pássaro que voa para frente enquanto mantém a cabeça voltada para trás, carregando um ovo no bico (Figura 1). A palavra deriva dos termos *san* (voltar), *ko* (ir) e *fa* (buscar/trazer), traduzindo-se livremente como "não é tabu voltar atrás para buscar o que foi esquecido". No contexto do desenvolvimento humano, *Sankofa* fundamenta uma postura ética e política de ressignificação do presente e construção do futuro. Assim, elegeu-se essa simbologia para construir um projeto que trabalhe com histórias de vida e memórias junto à população idosa.

Figura 1: Representação gráfica de Sankofa



Fonte: Adinkra Symbols and Meanings (s.d.).

A noção de extensão que orienta esta proposta é de inspiração freiriana (Freire, 2014), entendendo a construção coletiva do saber nas trocas dialógicas que o campo suportaria e o deslocar do centro de produção do conhecimento para um espaço entre a universidade e o mundo, espaço este a construir e garantir. A inserção em campo é inspirada pela cartografia (Correa, 2009), cuja bússola criativa é de caráter processual, mapeando possibilidades e sensibilidades. Neste movimento, aqueles que desejam participar da proposta vão se aproximando, conhecendo e reescrevendo objetivos comuns e constituindo espaços/tempo de partilha mais perenes.

As estratégias foram inspiradas nas *Oficinas de Memórias Autobiográficas* (Cabral; Amaral; Brandão, 2009) e no projeto *Nossas Músicas* (Lourenço; Massi, 2011). O primeiro trabalhou com o registro das memórias e histórias de idosas e idosos tendo como foco sua vivência da cidade e o segundo mobilizou afetos a partir das músicas compartilhadas entre eles. Outras experiências são ainda apontadas por Correa (2009) na cartografia de seu percurso junto a um grupo de idosos. Envolvermos nas rodas de conversa a respeito das histórias categorizadas elementos artísticos e literários como músicas e contos, de modo a dialogar mais amplamente com as experiências constituídas por nós nas conversas. Em resumo, as etapas e estratégias podem ser nomeadas a seguir: 1) Supervisão: atividade contínua de orientação das atividades em conjunto com docente e extensionistas envolvidos. 2) Inserção: Participação nas atividades do CRAS envolvendo o grupo. 3) Trabalhando Histórias e Memórias: vivências grupais com os idosos em um momento de reflexão e produção a respeito de suas histórias e memórias.

O que alinhavou os objetivos da intervenção foram as linhas da própria vida, os caminhos que os levaram a ocupar aquele território, desde os deslocamentos de suas famílias, passando por suas vivências na infância até o traçado atual naquele tempo-

espaço. Cada temática era inicialmente abordada a partir de um disparador da reflexão sobre o tema. As temporalidades da vida foram então problematizadas desde os ancestrais, passando pela evocação das memórias infantis e adolescentes até o momento presente e o que ele anuncia. Como materialidades disparadoras utilizou-se desde músicas pertencentes ao universo semântico do grupo, fotografias, mapas, utensílios domésticos e outros objetos que se prestaram à reinvenção a partir dos olhares dos idosos. Outros materiais como panos, linhas, tintas, também fizeram a possibilidade de que marca deixada pelos eventos da vida fosse recontada e reeditada diante do acolhimento do grupo.

Participaram idosas e idosos que frequentam o grupo de Convivência e Fortalecimento de Vínculo do CRAS de uma zona periférica de Fortaleza: o Grande Bom Jardim. Cinco bairros formam essa região (Bom Jardim, Granja Portugal, Granja Lisboa, Canindezinho e Siqueira), que sofre por estigmas sociais relacionados à violência (CCBJ, s.d.).

Os encontros tinham como participantes cerca de 35 idosos com os quais os extensionistas se encontraram de março a dezembro de 2019, quinzenalmente. O grupo era formado majoritariamente por pessoas acima de sessenta anos, mulheres, tendo, em média, a presença de apenas três homens nos encontros. Contudo, o grupo também recebia pessoas de outras faixas etárias, como adolescentes e adultos que eram familiares de pessoas que frequentavam o serviço, sendo estes um percentual menor (em média duas pessoas por encontro). Um dos extensionistas bolsistas residia na área adscrita pelo CRAS, facilitando o *rapport*.

## Resultados

Na discussão sobre a ancestralidade, os idosos e idosas remeteram-se sobretudo às diferenças de gênero e aos processos migratórios. A atividade proposta e a reflexão subsequente foram a intervenção em um mapa levado pela equipe de extensionistas, em que os idosos marcavam seus percursos e de suas famílias até chegar ao bairro atual. Além disso, foi pedido que levassem um objeto significativo da história familiar. Em seus relatos, trouxeram afirmações como “mulher não podia andar de calça comprida ou cortar o cabelo” que indicam a mudança de referencial das construções relativas ao gênero, que se fizeram questionar ao longo da vida, se não interrompendo o sexismo, mas afrouxando a rigidez dos papéis binários que lhes foram impostos. As diferenças intergeracionais entre eles e seus pais foram fontes de conflitos nas memórias sobre a família, no lidar com filhos e filhas, sendo operadas de modo diverso, com acolhimento de possibilidades mais amplas de decisões a respeito do próprio corpo e estética.

Quanto à infância, a reflexão foi embalada pelo convite à confecção da boneca de pano Abayomi, que é um símbolo de afetividade do povo negro (Gomes *et al.*, 2017). Essas escolhas dizem respeito aos trajetos já revelados nos encontros anteriores. A fome, perder os pais muito cedo, não ir para a escola foram algumas dentre outras dificuldades relatadas por eles. Assim, confrontar-se com a infância protegida que não vivenciaram e, olhar para a infância de netos que agora acompanham, permitiu um fluxo de emoções e significações sobre os direitos das crianças, suas brincadeiras, seus pontos de vista.

A Abayomi é um símbolo de resistência e afetividade e no grupo essa ideia surge ao presentear o outro com sua criação, entregando para alguém que considerasse importante em suas vidas. Alguns participantes a levaram para casa para entregar aos seus familiares e outros entregaram para outros participantes, bem como para um dos extensionistas, demonstrando a importância do grupo na vida dos usuários como rede de apoio e o fortalecimento dos laços afetivos.

As vivências e reflexões sobre a juventude trouxeram as temáticas dos relacionamentos e a construção da família, bem como o trabalho de modo mais evidente. Músicas do universo semântico do grupo foram escolhidas, *Xote das Meninas* e *É preciso Saber viver* interpretadas por Luiz Gonzaga e Roberto Carlos respectivamente, geraram um coral animado e dança ao final do encontro. A canção *É preciso saber viver* emocionou a muitos e pediram mais cópias da letra para poder entregar a outras pessoas como um gesto de carinho e apoio.

O momento presente de vida, o envelhecimento, foi trabalhado fugindo um pouco da lógica do envelhecer baseado em perdas e pensando em outros caminhos possíveis (Titora, 2016). Foi construído o “ABC do envelhecer”, facilitando a circulação dos muitos significados do que seria envelhecer com saúde, do que é a saúde em seu conceito mais amplo, abordando os sujeitos, suas relações e contextos, bem como deixando em aberto as possibilidades dessa construção. Com isso, evitou-se prescrições a respeito de normas de boas condutas, tensionando o lugar de “especialista” no qual os universitários podem ser colocados e valorizou-se a criatividade daqueles que são autores do próprio processo.

Percebe-se como resultados que os diálogos fortaleceram o vínculo grupal tendo em vista as emoções despertadas e o lugar de sujeito da própria história ocupado nas falas de cada um e cada uma. Também, ao final dos grupos, sempre havia agradecimentos por essa escuta e trabalho, relatando o quanto era importante sentir os afetos, lembrar o que aconteceu e ver o que hoje eles são.

A necessidade de parar e ter momentos para chorar e conversar foi pontuada como importante, para o continuar seguindo em frente. Algumas demandas de apoio psicológico individual tiveram seu espaço de reconhecimento e foram encaminhadas para a rede de atendimento ao mesmo tempo em que os sujeitos permaneceram frequentando o grupo. Os extensionistas facilitaram ainda o trânsito das demandas entre idosos e CRAS, tendo em vista que se sentiram mais à vontade em relatar aspectos de suas vidas até então desconhecidos para a equipe técnica.

A equipe técnica responsável pelo SCFV replicou algumas das atividades vivenciadas em outros grupos do CRAS, com as devidas adaptações, com o material e as ideias trazidas pela extensão. Isto significa que a extensão incrementou suas possibilidades de trabalho. Uma das idosas pontuou a escassez daquele tipo de atividade, o que remete a um desmonte da política de assistência social, na qual não existem recursos suficientes para que possam ser feitas propostas mais criativas como as que estavam sendo possíveis para os extensionistas, que utilizavam material próprio. O material foi custeado pela professora coordenadora do projeto de extensão, uma vez que os recursos para a extensão universitária reduziram-se à bolsa recebida por um estudante.

## Discussão

“A vida só é possível reinventada”, ensinou Cecília Meireles (1983, p. 195). A partir deste fragmento poético alinhava-se a justificativa deste projeto, cuja intenção é a de perceber e fomentar a reinvenção dos modos de envelhecer na contemporaneidade. Tal convite dirige-se àqueles que já vivenciam esta condição e parte daqueles que desejam saber mais a respeito de como acompanhar reinvenções que acordem potências e desejos. Entendemos que reinventar exige um revisitar, um ressignificar a vida, ato que exige fala e escuta. Conceição Evaristo, renomada escritora contemporânea idosa e negra, apresenta um modo de escuta e de escrita de histórias de vida: a “escrevivência” (Evaristo, 2011).

Seu trabalho aproxima e relaciona ouvinte, narradores e leitores conforme expressa no “Insubmissas lágrimas de mulheres”, texto que refere às lágrimas como as águas com as quais podemos fluir na ressignificação do passado presentificado a partir de sofrimentos e prazeres que irrigam um terreno/terreiro comum. Esse passado nunca é espelho do presente, como também ensina Conceição Evaristo que, em seu “Olhos d’água” (Evaristo, 2016b), refletindo o espelho d’água nos olhos de quem liberta a palavra na voz e no texto escrito. Assim, ondulando, permitindo-nos “leves enganos e parencças” (Evaristo, 2016a); não buscamos a exatidão do que foi, mas sentidos e sentimentos precisos e necessários às experiências transmissoras de vida. Como tatuagem em cima de cicatriz, almejamos conjuntamente refazer marcas, construir refúgios simbólicos, ressignificando corpos e lugares.

Sendo a obra de Conceição Evaristo um dos referenciais inspiradores das reflexões com e a partir deste grupo, entendemos que a reinvenção das possibilidades de envelhecer na periferia passa pelo fortalecimento dos vínculos e sobretudo, das políticas públicas que também podem mediar estas construções.

Ademais, demonstra-se que o SCFV pode consolidar-se como o espaço institucional estratégico para a viabilização das oficinas de memórias, atuando como um mediador essencial entre a universidade e a comunidade periférica. Ao oferecer uma estrutura baseada na Proteção Social Básica, o serviço permitiu a criação de um ambiente seguro para que 35 idosos e idosas do Grande Bom Jardim pudessem ressignificar suas trajetórias frente ao esgarçamento de vínculos provocado pela pobreza e pela violência urbana.

Como resultado, a integração das atividades extensionistas ao fluxo do SCFV potencializou o protagonismo dos participantes, que passaram a ocupar o lugar de sujeitos de suas próprias histórias através do compartilhamento de saberes e da circulação de afetos. Os resultados construídos demonstram que a atuação conjunta entre o serviço socioassistencial e a extensão universitária fortaleceu os laços afetivos e as redes de apoio comunitário, fundamentais para a manutenção da dignidade no envelhecer.

A escuta qualificada e o uso de disparadores lúdico-artísticos permitiram que os idosos elaborassem questões complexas sobre ancestralidade, gênero e as dificuldades vivenciadas desde a infância, resultando em uma maior apropriação de suas biografias e no reconhecimento de suas identidades como fonte de resistência. Além de beneficiar diretamente os usuários, a experiência qualificou o trabalho da

equipe técnica local e demonstrou a urgência de fortalecer políticas públicas que garantam espaços coletivos de cuidado e reinvenção da vida nas margens sociais.

## Conclusão

A perspectiva interseccional do desenvolvimento humano para o envelhecer na periferia é esse olhar que cruza e cria complexidades e heterogeneidades. Cruza e reconhece os cruzamentos de categorias, de pensamentos, de lugares de fala (Ribeiro, 2017), visões de mundo. Este olhar é ainda cria da agudeza do pensamento do feminismo negro, de suas pontuações precisas sobre as hierarquizações de um mundo que desterra mulheres negras e de um mundo que estas mulheres recriam ao se porem a caminho de si mesmas (Akotirene, 2018).

Essa fonte do pensar brota de um lugar ancestral, entendendo que ancestral é anterior, é antigo e é recuperado em fragmentos, refeito e reconstituído como o povo negro ao se refazer cotidianamente do que os assalta dentro e fora de suas casas e de suas almas. É lugar adivinhado no que insiste em libertação, no que explode em beleza, no que não pode deixar de ser o que é.

Ainda na paisagem que desenhamos, da vida como um rio — lugar de fluir permanente — sobrevoa e abençoa *Sankofa*, o pássaro da simbologia africana Adinkra, aquele que retorna ao passado para ressignificar o presente e refazer o futuro (Nascimento; Sá, 2009). Sublinhamos aqui o refazer o futuro, esta noção paradoxal, para surpreender na temporalidade linear, aquilo que presentifica o futuro, que o adivinha. No gerar/gerar memórias, um tempo de abertura e espera, um tempo de ouvir e compor com idosos e idosas, passados e futuros no hoje. O projeto, portanto, convidou a retomar o passado e a marcar um encontro com o futuro.

## Referências

ADINKRA MEANINGS AND SYMBOLS. **Sankofa**: Meaning, Symbolism, and the Wisdom of Looking Back. [s. d.]. Disponível em: <https://www.adinkrasymbols.org/symbols/sankofa/>. Acesso em: 23 abr. 2026.

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?**. Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018. 144 p.

ÁVILA TODARO, M.; CACHIONI, M. O legado de Paulo Freire sobre a velhice: história de vida e o contexto brasileiro atual. **Práxis educativa**, [s. l.], v. 16, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.16.16554.047>. Acesso em: 18 jan. 2022.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução: Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. [1986]. 600 p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**: Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009. Reimpressão. Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Assistência Social, 2014. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/tipificacao.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf). Acesso em: 22 abr. 2026.

CABRAL, P.; AMARAL, R.; BRANDÃO, V. Oficinas de memória autobiográfica. Conversando com idosos: o registro das memórias vivas. **Revista Kairós: Gerontologia**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 257-274, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2009v12i1p%25p>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CCBJ – Rede Livre. **Grande Bom Jardim: território e contexto social**. [S. l.], [2022?]. Disponível em: <http://ccbj.redelivre.org.br/grande-bom-jardim-territorio-e-contexto-social/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

CORREA, M. R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2009. 125 p.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. 2. ed. São Paulo: Fapesp, 2012. 272 p.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres: (contos)**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. 120 p.

EVARISTO, C. **Histórias de leves enganos e pareanças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016a. 106 p.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016b. 116 p.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014. 128 p.

GOMES, E. C. *et al.* A boneca Abayomi: entre retalhos, saberes e memórias. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 251-264, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.75745>. Acesso em: 11 jul. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 141 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **População por idade e sexo (Pessoas Idosas - 60 anos ou mais de idade)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/participamaisbrasil/blob/baixar/36065>. Acesso em: 20 abr. 2026.

LOURENÇO, R. C. C.; MASSI, G. **Linguagem e Velhice: considerações acerca do papel da escrita no processo de envelhecimento**. Curitiba: Juruá Editora, 2011. 112 p.  
MEIRELES, C. **Flor de poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. 312 p.

NASCIMENTO, E. L.; SÁ, L. C. (org.). **Adinkra: Sabedoria em Símbolos Africanos**. Rio de Janeiro: IPEAFRO; Pallas Editora, 2009. 216 p.

RABELO, D. F. *et al.* Racismo e envelhecimento da população negra. **Revista Kairós: Gerontologia**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 193-215, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/2176901X.2018v21i3p193-215>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ROCHA, J. P.; BÓS, A. J. G. (org.). **Perfil dos idosos e longevos do Brasil: análise da pesquisa nacional de saúde - IBGE 2013**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. 888 p.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 68 p.

RODRIGUES, D. C. *et al.* Políticas Públicas Gerontológicas: Desafios, lacunas e avanços, uma revisão da literatura. **Revista Kairós: Gerontologia**, [s. l.], v. 24, p. 203-220, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/53774>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, Mídia e Consumo**, [s. l.], v. 9, n. 26, p. 83-114, 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/345>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SILVA, E. N. S.; BARROS, J. S. M. Envelhecer na Periferia. História, conceitos e concepções sobre o processo de envelhecimento. **Revista Longevidade**, [s. l.], v. 3, n. 9, p. 109-115, 2021. Disponível em: <https://revistalongevidade.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/875/935>. Acesso em: 18 jan. 2022.

TEIXEIRA, D. P.; BATISTA, F. L. A. (org.). **Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento, corporalidade e mídia**. Catu: Bordô-Grená, 2021. 120 p.

TEIXEIRA, S. M. O.; SOUZA, L. E. C.; MAIA, L. M. Ageísmo institucionalizado: uma revisão teórica. **Revista Kairós: Gerontologia**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 129-149, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2018v21i3p129-149>. Acesso em: 18 jan. 2022.

TOTORA, S. **Velhice – uma estética da existência**. São Paulo: Educ, 2016. 230 p.

*Data de recebimento: 23/04/2026; Data de aceite: 15/06/2026*

---

**Larissa da Silva Sousa** - Bacharela em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID ID: 0000-0001-8539-4800. E-mail: [larissa\\_sousa@alu.ufc.br](mailto:larissa_sousa@alu.ufc.br).

**Nara Maria Forte Diogo** - Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC. ORCID ID: 0000-0001-5040-1492. E-mail: [narafdiogo@gmail.com](mailto:narafdiogo@gmail.com).

**Andie de Castro Lima** - Mestra e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID ID: 0000-0003-1469-8529. E-mail: [lima.castro94@gmail.com](mailto:lima.castro94@gmail.com).



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

## Relato de uma experiência grupal com pessoas aposentadas: construindo narrativas, sentidos e novas perspectivas

---

*Amanda Passarella Araujo*

*Daniele da Silva Fébole*

*Isadora Pereira Martins*

*João Henrique Colombo Nascimento*

*Luana de Mello Calvo*

*Marina Kleinschmidt*

*Vinicius Vattos Costa*

### Introdução

A aposentadoria é um direito social previsto na constituição (Brasil, 1991). Além de ser um benefício social, a inatividade remunerada representa também uma transição de papéis. No modo de organização social em que vivemos, desde a infância o trabalho tem lugar central no desenvolvimento do sujeito, sendo um dos objetivos principais na vida. Nesse contexto, a aposentadoria aparece como uma forma de transformação do vínculo do sujeito com o trabalho, o levando a buscar formas de reorganização de si mesmo, no que se refere, sobretudo, a sua identidade. Portanto, a partir desse momento o sujeito precisa reorganizar a sua identidade (Costa et al., 2022). Esse período também é marcado por mudanças físicas e sociais decorrentes do envelhecimento, sendo assim, a psicologia tem papel fundamental nesse processo, podendo contribuir na elaboração de novos sentidos, ressignificação de história de vida e novas formas de pertencimento.

O *Construcionismo Social* nos possibilita compreender as diferentes formas pelas quais a sociedade produz sentidos sobre o trabalho e a aposentadoria, bem como como essas construções atravessam a vida dos sujeitos. Foucault (2016) nos lembra que estamos inseridos em relações de poder que orientam e regulam nossas escolhas, de modo a ajustá-las às normas socialmente estabelecidas. No entanto, o autor também afirma que “onde há poder, há resistência” (Foucault, 1988, p. 91), ressaltando que o sujeito não é apenas passivo diante dessas forças, mas participa ativamente da criação de si, inclusive na maneira como vivencia a aposentadoria.

Em uma sociedade em que o trabalho ocupa lugar central na construção da identidade, a aposentadoria é frequentemente narrada como sinônimo de fim da vida produtiva, improdutividade e inutilidade. Nessa perspectiva, o sujeito deixa de ser visto como participante ativo da vida social e passa a ocupar o papel de espectador. Buscando problematizar esses discursos, que individualizam a responsabilidade e naturalizam a associação entre valor pessoal e trabalho, esse texto tem como objetivo destacar e relatar a experiência de um grupo operativo com aposentados, apontando

processos de construção de sentidos, trocas coletivas e aprendizagens a fim de retratar a construção dessa experiência grupal.

### **Referencial teórico**

A aposentadoria é predominantemente descrita por aquilo que as pessoas não são quando não estão trabalhando (Costa et al., 2022), ou seja, em vez de reconhecer o que a pessoa é ou pode se tornar nesse novo momento da vida, o discurso social tende a descrevê-la a partir da ausência do trabalho. Essa forma de narrar a aposentadoria esvazia a noção de futuro, pois fixa o sujeito em uma identidade ancorada no passado - no que ele *foi* enquanto trabalhador -, dificultando que se elaborem novas possibilidades de existir e projetar a vida.

Na transição para a velhice há um decaimento do auge de seu desenvolvimento para um novo lugar social em que a atividade principal é relegada a um segundo plano, dando lugar a uma nova atividade e instaurando-se um novo período do desenvolvimento (Facci, 2004). Ocorre, nessa transição, a instauração de uma crise em conjunto com a perda das capacidades físicas e a diminuição da potência das funções psíquicas superiores (Reis e Facci, 2017).

A transição para a velhice, também referida como terceira idade, marca uma passagem significativa no curso do desenvolvimento humano, em que o sujeito se desloca de um período de pleno engajamento produtivo para um novo lugar social, no qual a atividade principal - o trabalho - perde centralidade e dá lugar a outras formas de ação e sentido (Facci, 2004). Esse deslocamento, no entanto, nem sempre ocorre de modo tranquilo, pois, ao romper com uma rotina estruturada e com uma identidade historicamente construída em torno do fazer produtivo, instala-se um conflito que pode ser acompanhado por sentimentos de perda, inutilidade e descontinuidade da própria história. Além das transformações sociais e simbólicas, somam-se as mudanças biológicas e cognitivas, como o declínio das capacidades físicas, o que intensifica a necessidade de novas formas de elaboração subjetiva.

Nesse contexto, a Psicologia assume um papel essencial ao promover espaços de escuta, acolhimento e reconstrução de sentidos, contribuindo para que o sujeito possa reconhecer outras dimensões de si - afetivas, relacionais, criativas, simbólicas e individuais - que sustentam a sua saúde mental e o auxiliem a perceber esse momento da vida a partir de seus horizontes e não apenas do seu passado.

O grupo "*Horizontes de Mim*" foi composto por pessoas que estão no momento da vida denominado de terceira idade e, por isso, a nossa escolha de relacionar a aposentadoria com este momento do desenvolvimento humano. A forma como o grupo foi formado será descrito a seguir.

### **Metodologia**

O presente estudo deriva de uma experiência desenvolvida no contexto do estágio supervisionado em Psicologia, realizada em parceria com um grupo de pessoas aposentadas. As atividades ocorreram ao longo de seis encontros quinzenais, estruturados como um grupo operativo com caráter de apoio e reflexão coletiva. O principal objetivo desse grupo foi oferecer um espaço de escuta e diálogo no qual os participantes pudessem compartilhar vivências relacionadas à aposentadoria, refletir

sobre os sentidos atribuídos a essa etapa da vida e construir, de forma colaborativa, novas possibilidades de pertencimento e significação.

O grupo contou com a participação de pessoas idosas, com idades variando entre 59 e 77 anos, todas aposentadas e inseridas em diferentes contextos familiares e sociais. As atividades foram planejadas e conduzidas por estagiários sob supervisão docente, com suporte de uma equipe reflexiva, responsável por auxiliar na condução das discussões e na observação dos processos grupais.

Durante os encontros, foram utilizadas diferentes estratégias metodológicas, tais como: rodas de conversa, dinâmicas reflexivas e produções coletivas - como elaboração de textos, imagens ou relatos simbólicos -, voltadas à promoção de trocas significativas entre os participantes. Essas práticas favoreceram a emergência de narrativas sobre o envelhecer, o tempo livre e a reconstrução da identidade após o fim da vida laboral.

Além de compreender os conteúdos que emergiram das falas e das interações do grupo, o estudo também buscou refletir sobre a experiência vivida pela equipe organizadora e coordenadora. Nosso interesse foi analisar o que esses encontros nos possibilitaram aprender acerca da dinâmica e da organização grupal, bem como sobre os desafios e potências do papel do coordenador em espaços coletivos de reflexão. Essa perspectiva ampliou o olhar da pesquisa, permitindo reconhecer o grupo não apenas como campo de intervenção, mas também como espaço formativo e de transformação para aqueles que o conduzem.

As reflexões produzidas foram analisadas à luz do *Construcionismo Social*, abordagem que compreende o conhecimento e a subjetividade como produções situadas nas relações e nos discursos. Nessa perspectiva, o sentido não é algo dado, mas construído coletivamente a partir das interações, da linguagem e dos contextos socioculturais em que os sujeitos estão inseridos. Assim, a análise buscou compreender como os participantes co-construíram significados sobre a aposentadoria e sobre si mesmos, valorizando os processos de diálogo, pertencimento e criação coletiva que emergiram no grupo.

### **Centralidade das relações afetivas e familiares**

Durante os encontros do grupo "*Horizontes de Mim*", observamos na narrativa dos participantes que o tema "família" aparecia como ponto de referência para as compreensões sobre suas trajetórias de vida e como conseguiram se desenvolver a partir da forma que as relações no núcleo familiar se organizavam. Em algumas histórias, ela foi evocada como espaço de sustentação e de pertencimento, marcada por vínculos de apoio e afetividade. Em outras, surgiu associada a experiências de rigidez, ausência ou conflito conjugal, revelando a coexistência de afetos ambíguos. Essa multiplicidade de repertórios interpretativos, como afirma Spink (2004, p. 28), levou-nos a compreender a família como um campo discursivo de produção de significados, constantemente atualizado nas formas de narrar e de se narrar.

A estrutura metodológica do grupo foi determinante para que essas dimensões pudessem emergir. As atividades da "*Linha do Tempo*" e "*Árvore da Vida*" atuaram como dispositivos que favoreceram o retorno a momentos e figuras significativas das trajetórias pessoais.

A atividade da "*Linha do Tempo*" foi proposta logo no primeiro grupo, a fim de estimular as recordações das trajetórias pessoais de cada um em toda a vida, isto é, da infância até a velhice. Além do objetivo pessoal de cada um, também foi proposta para que o grupo se conhecesse mais e começassem a trocar vínculos e confiança entre si.

A atividade da "*Árvore da Vida*", foi construída com papéis do tipo EVA e Kraft, onde os estagiários recortaram e desenharam as partes da árvore isoladamente a fim de que fossem sendo construídas, através da colagem, a partir das falas do grupo. Esse material serviu para simbolizar, de forma concreta, os caminhos percorridos em suas falas. As raízes representavam seus valores e figuras de referência, já o tronco quais seriam suas contribuições e papéis desenvolvidos a partir das raízes. Os frutos estavam ligados aos legados e desejos que já foram deixados e que ainda desejam deixar.

As perguntas orientadoras nas duas atividades - que buscaram compreender quem esteve presente nos momentos de dificuldade, aos valores transmitidos e ao legado que se deseja deixar -, criaram condições discursivas que permitiram o surgimento espontâneo dos temas, possibilitando compreender a influência da família em cada história. À medida que as falas se entrecruzavam, o grupo se constituía como um espaço de circulação de sentidos, tal como propõe Spink (2004, p. 27): um campo que se forma quando duas ou mais vozes se confrontam, possibilitando que cada participante reconstrua versões de si ao narrar e ao entrar em contato com as narrativas dos outros. Segundo a autora, o significado é sempre construído na interação, emergindo do encontro entre vozes, posições e contextos. Essa perspectiva nos permitiu compreender o grupo como um dispositivo relacional, em que as fronteiras entre o individual e o coletivo são dinâmicas e permeadas por interpretações - que, como aponta Foucault (1987) citado por Spink, nada mais são do que o próprio intérprete.

Durante as discussões, observamos que, diante de um mesmo tema, no caso da família, houve diversidade de interpretações. Enquanto alguns ressaltaram esse núcleo como base e alicerce de amor e carinho, outros afirmaram que as relações familiares eram envoltas em ausência e conflitos persistentes, na visão de quem cuidou mais do que foi cuidado. Nesse sentido, um dos participantes afirmou precisar aprender valores morais e éticos com os gestores do trabalho, visto que não teve acesso a esses aprendizados dentro da família, e foi nesse ambiente que se sentiu reconhecido pela primeira vez, fato que contrapõe com as experiências dos demais participantes. As divergências de experiência geraram ampliação de perspectivas, revisão de experiências e significados, além da reflexão para que o grupo pensasse na família para além da idealização.

Essa compreensão do grupo como dispositivo relacional também possibilitou observar de que modo certos temas ganharam destaque nas narrativas compartilhadas. Entre eles destacamos, especialmente, as menções aos netos. A frequência com que eles foram lembrados ilustrou de forma clara como os discursos sobre a família operam na manutenção de laços simbólicos e afetivos ao longo do tempo, sendo descritos como continuidade e legado, representando a atualização de valores e o prolongamento da identidade através das gerações.

Como estagiários, compreender essa dinâmica nos levou a reconhecer que trabalhar com narrativas familiares é lidar com processos de subjetivação mediados pela linguagem. As falas sobre o amor, a ausência e o cuidado descreviam experiências

passadas e funcionavam como práticas de reconstrução identitária no presente. O grupo, nesse sentido, tornou-se um espaço de elaboração discursiva no qual a família foi simultaneamente evocada, analisada e ressignificada pelos participantes e assistidas por nós, estagiários. Como destaca Spink (2004), os discursos são atravessados por valores sociais e relações de poder; portanto, ao narrar suas histórias familiares, os participantes também se posicionavam diante das normas culturais que moldam o que se entende por “família”, “amor” e “cuidado”. Por meio da interação entre as vozes e da dinâmica relacional do grupo, foi possível observar a produção coletiva de sentidos e conhecimentos.

### **Aposentadoria como reconfiguração da vida**

Através das discussões desenvolvidas pelo grupo, a aposentadoria pôde ser concebida como uma etapa passível de ressignificação, de forma que ela não se restrinja ao encerramento da vida produtiva - e, conseqüentemente, da vida como um todo - mas sim como a possibilidade de reconstrução de projetos e criação de novos sentidos pessoais. A aposentadoria passou a ser concebida como oportunidade de novos começos, abrindo espaço para investimento próprio, através da valorização do lazer, dos vínculos sociais e do autocuidado. Foi possível observar que, no grupo, já havia um grande interesse nessas atividades, como a participação de grupos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), o que foi ainda mais explorado através de conversas, surgindo interesses como viagens, hobbies e diferentes formas autonomia e preservação da própria vitalidade. Esse momento de redescoberta pessoal destacou a aposentadoria como espaço que permite o sujeito a colher os frutos de sua trajetória, além de experimentar novas formas de ser e estar no mundo.

Contudo, também surgiram nas narrativas as desigualdades que atravessam essas vivências, revelando a aposentadoria como uma experiência específica de cada um, ainda que o ato de aposentar seja comum a todos. A distinção entre aqueles que se aposentaram por tempo de serviço e os que passaram por invalidez revela as desigualdades sociais e econômicas que marcam uma aposentadoria vivida de forma plena e digna. Essas condições materiais e subjetivas influenciam diretamente na forma como cada um pode elaborar esse novo momento de vida: ela pode ser percebida, por alguns, como um tempo de descanso, de retomada de interesses e cuidado consigo mesmo. Para outros, ela surge como um ponto final precoce, marcado por frustrações, adaptações forçadas e sensação de perda.

O grupo mostrou-se, nesse sentido, um espaço de reconstrução simbólica e de ressignificação coletiva, permitindo que, ao compartilhar vivências e escutar as dos outros, os participantes pudessem transformar sentimento de perda em reflexões sobre liberdade, autonomia e colheita dos frutos de uma vida intensamente vivida. Ainda assim, as conversas trouxeram à tona desafios persistentes, como sensação de vazio, arrependimento e a dificuldade de visualizar novas possibilidades. Essa coexistência entre potência e fragilidade revela que a aposentadoria envolve tanto o reconhecimento dos caminhos traçados quanto o enfrentamento das limitações impostas pelo tempo e pelas condições de vida. Desse modo, ela pôde ser compreendida como um processo dinâmico de reconfiguração: um exercício constante de reconstruir sentido pessoal, reafirmar sua autonomia e redescobrir o valor de existir para além do trabalho.

## **Sentido do trabalho e legado**

O trabalho foi narrado como um elemento central na construção da identidade e na organização da vida dos participantes. Em suas trajetórias, o fazer profissional aparece como espaço de aprendizagem, ética, esforço e contribuição social, constituindo um eixo de sentido que atravessa o tempo e sustenta a percepção de quem se é. Para muitos, o trabalho representou não apenas uma forma de sobrevivência, mas um modo de estar no mundo, um campo de reconhecimento e pertencimento. Essa forte vinculação, contudo, faz com que o desligamento do papel produtivo na aposentadoria mobilize sentimentos de perda e descontinuidade, revelando a dificuldade de reconstruir um sentido de si fora da lógica da produtividade. A troca entre os participantes possibilitou que experiências individuais de perda e transição se transformassem em narrativas coletivas de pertencimento e continuidade. O grupo, ao oferecer um espaço de fala e escuta, favoreceu a elaboração desse processo, permitindo que os participantes se reconhecessem nas histórias uns dos outros e ressignificassem suas experiências, reafirmando o trabalho como parte constitutiva, mas não exclusiva, de suas identidades. As histórias compartilhadas revelaram que o apoio mútuo e o reconhecimento do outro foram fundamentais para ressignificar o trabalho e o envelhecimento como processos dotados de valor e potência.

A reflexão sobre missão e legado emergiu como desdobramento natural dessas discussões, ampliando o olhar para o que se transmite às próximas gerações. A metáfora da árvore, com suas raízes, tronco e frutos, possibilitou que os participantes revisitassem o passado e pensassem o futuro, articulando valores, afetos e aprendizagens que desejam deixar como herança simbólica. O amor, a honestidade, a ética e a dedicação foram frequentemente mencionados como legados - mais significativos do que conquistas materiais. O grupo funcionou como um espaço de reconstrução simbólica, no qual a aposentadoria deixou de ser vista como fim de um ciclo produtivo e passou a ser compreendida como abertura para novas formas de existir e contribuir. Ao mesmo tempo, revelou-se a tensão entre o orgulho das próprias raízes e o sentimento de que os frutos já não florescem com o mesmo valor em um mundo em permanente mudança. Ao atribuírem sentidos ao trabalho e ao legado, os participantes teceram um movimento que vai do sentimento de falta à potência, do isolamento à partilha de sentidos e afetos. Essa ambivalência traduz o desejo de manter viva uma continuidade simbólica frente às mudanças e à finitude. Do ponto de vista clínico e formativo, esse movimento pode ser compreendido como uma elaboração coletiva de luto e de sentido: ao reconhecer o trabalho como expressão do humano e não apenas como atividade produtiva, o grupo pôde afirmar que o verdadeiro legado não está apenas no que se constrói, mas no que se compartilha, nas marcas éticas, afetivas e relacionais que permanecem no outro.

## **Temporalidade e horizontes**

A proposta do grupo como um espaço de reflexão e do resgate de sua própria história, liga-se à percepção do passado, presente e futuro. Isto é, deixa em evidência a temporalidade, situando as vivências nos diversos momentos e as relações entre elas. Spink (2004) discorre sobre a inserção do discurso em um contexto histórico e social em que os significados presentes no cotidiano são produzidos historicamente e se relacionam com o tempo. Assim, a temporalidade atua como uma das dimensões do

discurso, uma vez que memória, experiência presente e antecipações de futuro organizam a forma como se narra, se interpreta e se vive o cotidiano.

A metáfora da árvore revelou-se especialmente potente para compreender como a temporalidade se manifesta nas narrativas dos participantes. As raízes foram associadas a um olhar voltado ao passado, evocando sentimentos de saudade e reconhecimento das famílias como alicerces de vida, portadoras de valores, aprendizados e experiências fundantes. Esse passado foi lembrado não apenas como o início de suas histórias pessoais, mas também como o marco de suas trajetórias profissionais, onde se delinearão identidades e sentidos de pertencimento.

O tronco, por sua vez, simboliza o eixo que sustenta a vida e representou o trabalho como elemento central na constituição de cada um - um espaço de desenvolvimento pessoal, de construção de vínculos e de trocas significativas ao longo dos anos. Quando se voltam para o momento presente, os relatos indicam transformações nas percepções sobre si e sobre o papel do trabalho em suas vidas. Alguns participantes relataram um processo de desvinculação gradual com a atividade profissional, enquanto outros encontraram novas formas de exercê-la, seja em um ritmo mais leve, seja por meio de trabalhos voluntários.

A aposentadoria apareceu como um ponto de virada importante: um tempo de redescoberta de gostos e vontades antes adormecidos, de maior disponibilidade para o lazer e de cuidado voltado a si. Muitos mencionaram a prática de atividades físicas, o início da psicoterapia e a participação na Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI) como formas de manter o corpo e a mente ativos. A UNATI foi descrita não apenas como um espaço de aprendizado, mas também como um ambiente de convivência e pertencimento, onde as trocas cotidianas favorecem a produção de novos sentidos sobre o envelhecer e o viver coletivo.

Em contraste a isso se tem a visão social da aposentadoria, muito atrelada à finitude da vida, morte e invalidez. O grupo apresentou uma visão sobre o futuro, que revela diversos horizontes possíveis, no sentido de apresentarem planos e desejos, principalmente ressaltando que as pessoas não querem parar de viver, mas sim, buscar novos sentidos para si, através de hobbies, do contato com a família e de um retorno ao olhar para si mesmo.

### **Considerações finais**

A partir do trabalho realizado com o grupo de aposentados, foi possível perceber como histórias de vida marcadas pelo trabalho foram se moldando ao longo do tempo, constituindo os sentidos que os participantes atribuem a si mesmos. A experiência, organizada na modalidade de grupo operativo, possibilitou o encontro entre diferentes trajetórias, que, ao serem compartilhadas, produziram um espaço de escuta, acolhimento e aprendizado - tanto para os integrantes do grupo quanto para nós, enquanto equipe coordenadora. Nesse processo, chamou a atenção o reconhecimento, por parte dos participantes, da forma cuidadosa, sensível e metodologicamente estruturada com que conduzimos os encontros, evidenciando o impacto de uma prática planejada, ética e afetuosa.

Cabe destacar que a temática da aposentadoria ainda é pouco explorada na formação em Psicologia. Por isso, tanto esse tema quanto outros a ele relacionados - como envelhecimento, saúde mental na terceira idade e perspectivas de cuidado -

configuraram para nós uma experiência inaugural. Ainda assim, a busca por fundamentação teórica e sua articulação com as experiências emergidas no grupo revelaram a pertinência dessa discussão no campo da Psicologia e a urgência de sua valorização nos currículos de formação.

Nesse percurso, o *feedback* de uma das participantes reforçou elementos fundamentais da prática vivida. Destacou-se a segurança e o preparo do grupo de acadêmicos na condução dos encontros, bem como a relevância da metodologia empregada, especialmente a alternância entre o grupo que coordenava as atividades e o grupo que observava. Essa estratégia permitiu diferentes formas de olhar para a experiência: enquanto a condução mobilizava os participantes a ressignificarem suas histórias e experiências com o trabalho e a aposentadoria, a observação possibilitava análises sensíveis, comprometidas e criativas, enriquecendo as devolutivas e fortalecendo a coerência metodológica. Segundo a participante, essa dinâmica conferiu clareza aos papéis de cada equipe e contribuiu para que o grupo refletisse sobre sua condição atual, seus propósitos, sentidos de vida e reconfiguração de horizontes.

Consideramos ainda fundamental que o processo de envelhecimento receba maior centralidade nas políticas públicas do país. Como aponta Martins et al. (2007), se o envelhecimento fosse reduzido apenas aos declínios fisiológicos, a velhice seria interpretada como etapa de falência. No entanto, compreendemos, a partir do grupo, que envelhecer implica continuidade de desejos, projetos e potências, e não apenas cuidados médicos e preservação corporal.

Embora o grupo tenha sido de curta duração e centrado na temática da aposentadoria, tornou-se evidente para nós a importância de oferecer a esse público espaços de convivência, produção de sentido e pertencimento. Diante disso, ressaltamos a necessidade da continuidade de iniciativas como esta, bem como da criação de projetos de extensão e redes de apoio - como a UNATI - em articulação com os setores de saúde e assistência social. Tais ações podem fortalecer a inserção de aposentados - e, por consequência, de pessoas em processo de envelhecimento - na vida social, por meio de experiências que promovam lazer, cultura, reflexão, autonomia e saúde física e mental.

## Referências

BRASIL. Lei 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8213cons.html](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.html). Acesso em: 14 de out de 2025.

COSTA, D. V. F.; NASCIMENTO, R. P.; DE MOURA, R. G. Os sentidos do aposentar-se na visão de sujeitos aposentados. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 26, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder** (1978). 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2016

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GERGEN, K. J. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. **INTERthesis, Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 6, n. 1, p. 299-325, 2009.

MARTINS, J. J. *et al.* Políticas públicas de atenção à saúde do idoso: reflexão acerca da capacitação dos profissionais da saúde para o cuidado com o idoso. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 10, n. 3, p. 371-382, 2007.

SOARES, K. R. A. **Trabalho e subjetividade: uma análise da aposentadoria na velhice**. 2024. 150 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, 2020.

SPINK, M. J. P. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. In: SPINK, Mary Jane P. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, p. 41-65, 2004.

*Data de recebimento: 10/04/2026; Data de aceite: 15/06/2026*

---

**Amanda Passarella Araujo** - Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Email: amandapasarella15@gmail.com

**Daniele da Silva Fébole** – Psicóloga, Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP – Assis. Professora no Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: dsfebole2@uem.br

**Isadora Pereira Martins** - Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Email: isadorapemartins@gmail.com

**João Henrique Colombo Nascimento** - Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Email: joaohenriquecolombo@gmail.com

**Luana de Mello Calvo** - Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Email: lumellocalvo@hotmail.com

**Marina Kleinschmidt** - Mestra em Psicologia pela Johns Hopkins. Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Email: marinakleal@gmail.com

**Vinicius Vattos Costa** - Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Email: viniciusvattoscosta@gmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

## Políticas Públicas para o Cuidado Domiciliar de Idosos e Idosas: revisão de literatura

---

*Ana Lígia Passos Meira  
Luís Paulo Souza e Souza*

### Introdução

O envelhecimento populacional representa uma das mudanças sociais, econômicas e sanitárias mais relevantes do século XXI. Em praticamente todas as regiões do mundo, observa-se aumento progressivo da expectativa de vida e redução das taxas de fecundidade, fenômenos que alteram profundamente a estrutura etária das sociedades.

No Brasil, esse processo ocorreu de forma acelerada, em intervalo de tempo menor do que o registrado em diversos países desenvolvidos, o que intensificou a necessidade de adaptação das políticas públicas. Segundo Organização Mundial da Saúde, o envelhecimento deve ser compreendido como conquista social, mas também como desafio que exige sistemas de cuidado capazes de promover autonomia, participação social e qualidade de vida.

A ampliação do número de pessoas idosas traz consigo mudanças importantes no perfil epidemiológico da população. Doenças infectocontagiosas deixam de ocupar posição central, enquanto crescem as condições crônicas não transmissíveis, como hipertensão arterial, diabetes, doenças cardiovasculares, demências e limitações osteomusculares.

Muitas dessas condições demandam acompanhamento contínuo, uso regular de medicamentos, reabilitação funcional e apoio para atividades cotidianas. Veras (2009) destaca que o principal desafio contemporâneo não consiste apenas em viver mais, mas em garantir que os anos adicionais de vida sejam vividos com independência e dignidade.

Nesse cenário, o cuidado domiciliar assume papel estratégico. Para grande parcela dos idosos, especialmente aqueles com algum grau de dependência funcional, o domicílio constitui espaço privilegiado de proteção, convivência e continuidade de vínculos afetivos. Diferentemente da institucionalização precoce, o cuidado realizado em casa permite maior preservação da rotina, da identidade e das relações comunitárias.

Além disso, quando adequadamente estruturado, pode reduzir internações hospitalares evitáveis, prevenir complicações e contribuir para o uso mais racional dos

recursos públicos de saúde. Mendes (2012) observa que modelos assistenciais orientados para condições crônicas precisam superar a lógica exclusivamente hospitalocêntrica e incorporar formas contínuas de atenção no território.

No entanto, apesar de suas potencialidades, o cuidado domiciliar no Brasil ainda se sustenta majoritariamente no trabalho das famílias. Em muitos casos, filhos, cônjuges ou outros parentes assumem responsabilidades intensas de cuidado sem preparo técnico, suporte emocional ou apoio financeiro suficiente. Historicamente, essa tarefa recai sobretudo sobre as mulheres, reproduzindo desigualdades de gênero e ampliando jornadas já marcadas por trabalho doméstico e atividade remunerada.

Camarano e Kanso (2010) argumentam que as transformações nas famílias brasileiras, como redução do número de filhos, aumento da participação feminina no mercado de trabalho e maior mobilidade urbana, diminuem a capacidade tradicional de cuidado informal.

A insuficiência de suporte institucional pode produzir consequências relevantes tanto para os idosos quanto para seus cuidadores. Para a pessoa idosa, a ausência de acompanhamento adequado aumenta riscos de quedas, piora clínica, isolamento social e perda acelerada da capacidade funcional. Para os familiares, são frequentes situações de sobrecarga física, sofrimento psíquico, abandono do trabalho e empobrecimento. Neri (2014) enfatiza que cuidar de forma contínua sem redes de apoio constitui fator importante de estresse e vulnerabilidade social.

Diante dessa realidade, as políticas públicas voltadas ao cuidado domiciliar tornam-se essenciais. O Estado possui papel decisivo na organização de serviços de atenção domiciliar, capacitação de cuidadores, oferta de equipamentos assistivos, integração entre saúde e assistência social e criação de mecanismos de proteção de longa duração. No Brasil, iniciativas como a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa e os programas de atenção domiciliar no âmbito do Sistema Único de Saúde representam avanços importantes, embora ainda insuficientes frente à magnitude da demanda existente.

Além disso, o debate contemporâneo sobre envelhecimento evidencia que cuidar da população idosa não é responsabilidade exclusiva das famílias, tampouco questão restrita ao setor saúde. Trata-se de tema transversal, que envolve habitação adequada, mobilidade urbana, renda, acessibilidade, combate à violência, inclusão digital e participação comunitária. Conforme Paim (2015), a efetividade das políticas sociais depende da articulação entre diferentes setores governamentais e da garantia de financiamento estável.

Dessa forma, discutir políticas públicas para o cuidado domiciliar de idosos significa refletir sobre justiça social, sustentabilidade dos sistemas de proteção e valorização da vida em todas as etapas do curso vital. Considerando a relevância crescente do tema, este artigo tem como objetivo revisar a literatura científica acerca das políticas públicas direcionadas ao cuidado domiciliar de idosos, identificando seus principais avanços, limitações e perspectivas no contexto brasileiro.

## Método

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa de literatura, de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, desenvolvida com o objetivo de analisar a produção científica e documental referente às políticas públicas voltadas ao cuidado domiciliar de idosos. A escolha por esse tipo de revisão justifica-se pela amplitude do tema investigado e pela necessidade de integrar diferentes perspectivas analíticas, incluindo contribuições oriundas da saúde coletiva, gerontologia, serviço social, administração pública e políticas sociais.

Conforme Gil (2019), a revisão narrativa possibilita síntese interpretativa de conhecimentos já produzidos, permitindo identificar tendências, lacunas e desafios em determinado campo de estudo.

A investigação foi conduzida por meio de levantamento bibliográfico em bases de dados nacionais e internacionais amplamente utilizadas nas ciências da saúde e ciências sociais aplicadas. Foram priorizadas publicações indexadas em bases como *Scientific Electronic Library Online*, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, *Google Scholar* e PubMed, além de documentos oficiais produzidos por órgãos governamentais e organismos internacionais relacionados ao envelhecimento e à saúde pública.

Para o rastreamento das fontes, foram utilizados descritores e palavras-chave em língua portuguesa e inglesa, combinados entre si, tais como: “idoso”, “envelhecimento”, “atenção domiciliar”, “cuidado domiciliar”, “home care”, “long-term care”, “políticas públicas”, “saúde da pessoa idosa”, “cuidadores familiares” e “assistência domiciliar”. A combinação desses termos permitiu localizar estudos centrados tanto na organização dos serviços quanto nas experiências de cuidado e nos impactos sociais decorrentes da dependência funcional na velhice.

Foram adotados como critérios de inclusão artigos científicos, livros, capítulos de livros, dissertações, teses e documentos institucionais publicados em língua portuguesa, inglesa ou espanhola, que abordassem de forma direta o cuidado domiciliar de idosos ou políticas públicas relacionadas ao envelhecimento e ao cuidado de longa duração. Também foram considerados estudos clássicos e autores de referência, ainda que anteriores ao recorte temporal principal, quando sua contribuição teórica se mostrou relevante para a compreensão histórica e conceitual do tema.

Como critérios de exclusão, deixaram de ser utilizados materiais duplicados, textos sem relação direta com o objeto de estudo, publicações opinativas sem base analítica identificável, resumos expandidos de eventos sem versão completa disponível e estudos centrados exclusivamente em assistência hospitalar sem interface com o cuidado domiciliar. Essa seleção buscou preservar a coerência temática e a qualidade acadêmica do material analisado.

Após a etapa de levantamento, procedeu-se à leitura exploratória dos títulos e resumos, seguida de leitura integral das obras consideradas pertinentes. Em seguida, realizou-se organização analítica do conteúdo em eixos temáticos recorrentes, tais como: envelhecimento populacional e demanda por cuidados; papel da família no

cuidado domiciliar; políticas públicas brasileiras para atenção ao idoso; atenção domiciliar no Sistema Único de Saúde; desafios de financiamento e gestão; desigualdades territoriais; e perspectivas para sistemas de cuidado de longa duração.

A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa, buscando relacionar argumentos convergentes e divergentes presentes na literatura. Segundo Minayo (2014), pesquisas qualitativas permitem compreender processos sociais complexos a partir dos significados produzidos pelos diferentes atores e instituições envolvidos. Nesse sentido, a revisão não se limitou à descrição de programas existentes, mas procurou examinar limites estruturais e possibilidades de aprimoramento das políticas públicas destinadas ao cuidado domiciliar de idosos.

Ressalta-se que, por se tratar de pesquisa bibliográfica baseada em materiais de acesso público, não houve necessidade de submissão a comitê de ética em pesquisa. Ainda assim, foram respeitados os princípios de integridade científica, com adequada citação das fontes consultadas e valorização da autoria intelectual.

Por fim, reconhece-se como limitação metodológica o fato de a revisão narrativa não seguir protocolo rígido de metanálise ou revisão sistemática, o que pode reduzir a reprodutibilidade estrita do processo de seleção. Entretanto, essa modalidade mostrou-se adequada ao objetivo proposto, uma vez que permitiu abordagem abrangente e crítica de um tema multifacetado, marcado por interfaces entre saúde, família, economia e proteção social.

## **Resultados e discussão**

A análise da literatura evidenciou que o cuidado domiciliar de idosos ocupa posição cada vez mais relevante nas agendas públicas em razão do envelhecimento populacional, da elevação da prevalência de doenças crônicas e do aumento da expectativa de vida. Os estudos revisados convergem ao afirmar que a permanência do idoso no domicílio, quando acompanhada por suporte profissional e rede de apoio adequada, favorece manutenção da autonomia, fortalecimento dos vínculos familiares e melhoria da qualidade de vida.

Veras (2009) destaca que o envelhecimento contemporâneo exige reorganização dos sistemas de saúde para além do modelo centrado em internações e intervenções agudas.

Outro resultado recorrente refere-se ao protagonismo das famílias no cuidado cotidiano. A literatura mostra que, apesar de avanços institucionais, o Estado brasileiro ainda transfere parcela expressiva da responsabilidade assistencial para cuidadores informais, geralmente mulheres da própria família. Camarano (2016) argumenta que essa lógica revela insuficiência histórica de políticas públicas de longa duração e amplia desigualdades sociais e de gênero.

Também foram identificadas contribuições positivas dos programas públicos de atenção domiciliar, especialmente no âmbito do Sistema Único de Saúde. Quando estruturadas com equipes multiprofissionais, essas iniciativas reduzem reinternações hospitalares, qualificam o seguimento clínico e humanizam a assistência. Entretanto,

os autores apontam limitações relacionadas ao subfinanciamento, à cobertura insuficiente e às desigualdades regionais na oferta dos serviços.

A literatura ainda evidencia que o cuidado domiciliar não depende apenas de ações de saúde. Idosos em situação de dependência frequentemente necessitam de adaptações habitacionais, benefícios socioassistenciais, transporte acessível e apoio psicossocial aos cuidadores. Dessa forma, a ausência de articulação entre saúde e assistência social compromete a integralidade do atendimento. Paim (2015) ressalta que políticas fragmentadas tendem a produzir respostas parciais diante de necessidades complexas. A seguir, apresenta-se quadro síntese com os principais achados identificados na revisão de literatura.

**Quadro 1 – Principais achados sobre políticas públicas para o cuidado domiciliar de idosos**

<b>Eixo temático</b>	<b>Principais achados</b>	<b>Autores de referência</b>
Envelhecimento populacional	Crescimento acelerado da população idosa amplia demanda por cuidados continuados e reorganização dos serviços públicos.	Veras (2009); Lima-Costa e Veras (2003)
Importância do cuidado domiciliar	Permanência no domicílio favorece autonomia, conforto, vínculos afetivos e redução de hospitalizações evitáveis.	Mendes (2012); Malta et al. (2016)
Papel da família	Famílias permanecem como principais responsáveis pelo cuidado diário, muitas vezes sem suporte suficiente.	Camarano e Kanso (2010); Camarano (2016)
Sobrecarga do cuidador	Cuidadores apresentam estresse, adoecimento emocional, isolamento social e perdas financeiras.	Neri (2014)
Atenção domiciliar no SUS	Programas públicos ampliaram assistência, porém com cobertura desigual e limitações operacionais.	Malta et al. (2016); Paim (2015)
Desigualdades regionais	Municípios com menor capacidade financeira apresentam menor oferta de serviços e equipes especializadas.	Paim (2015)
Intersetorialidade	Necessidade de integração entre saúde, assistência social, habitação e mobilidade urbana.	Jaccoud (2009)
Perspectivas futuras	Necessidade de política nacional de cuidados de longa duração com financiamento estável.	Camarano (2016); Veras (2009)

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Os resultados encontrados na literatura confirmam que o cuidado domiciliar de idosos deixou de ser tema periférico para se tornar questão estratégica no planejamento das políticas públicas contemporâneas. O envelhecimento populacional, associado ao aumento das doenças crônicas e das limitações funcionais, impõe novas exigências aos sistemas de saúde e proteção social.

Nesse contexto, a permanência do idoso no domicílio surge como alternativa socialmente desejável e economicamente relevante, desde que acompanhada por suporte institucional adequado. Conforme Veras (2009), a longevidade precisa ser acompanhada por políticas capazes de garantir funcionalidade e qualidade de vida, e não apenas maior sobrevivência.

A literatura demonstra que o domicílio possui valor terapêutico e simbólico para a pessoa idosa. Permanecer em casa significa manter vínculos afetivos, preservar memórias, sustentar identidade social e conservar maior controle sobre a rotina cotidiana. Em muitos casos, o ambiente domiciliar reduz impactos emocionais relacionados a hospitalizações prolongadas ou institucionalização precoce.

Além disso, a atenção prestada no território favorece acompanhamento mais próximo da realidade familiar e das condições concretas de vida do usuário. Mendes (2012) argumenta que modelos centrados em redes de atenção devem considerar o contexto social do paciente como elemento essencial do cuidado.

Entretanto, a análise crítica dos estudos evidencia que a valorização do cuidado domiciliar não pode servir como justificativa para desresponsabilização do Estado. Em diversos contextos, a transferência do cuidado para o espaço doméstico ocorreu sem a correspondente expansão de serviços públicos, insumos e apoio técnico.

Na prática, isso significa que famílias passaram a absorver tarefas complexas anteriormente concentradas em instituições formais. Camarano (2016) adverte que o cuidado de longa duração constitui novo risco social, cuja gestão não pode recair exclusivamente sobre arranjos privados e familiares.

Esse aspecto torna-se ainda mais relevante quando se observa que o cuidado informal permanece fortemente feminizado. Filhas, esposas e noras são frequentemente convocadas a assumir responsabilidades assistenciais intensas, muitas vezes em prejuízo da própria inserção profissional, da renda e da saúde mental.

Tal cenário reproduz desigualdades históricas de gênero, uma vez que o trabalho de cuidado continua socialmente naturalizado como obrigação feminina. Neri (2014) ressalta que a sobrecarga continuada pode produzir exaustão física, ansiedade, depressão e isolamento social entre cuidadores familiares.

A discussão também evidencia que políticas públicas eficazes precisam reconhecer a centralidade dos cuidadores. Não basta atender exclusivamente o idoso dependente; é necessário oferecer capacitação, acompanhamento psicológico, orientações técnicas e mecanismos de descanso assistido para quem cuida diariamente. Em países que desenvolveram sistemas mais robustos de cuidados de longa duração,

observa-se maior oferta de serviços de apoio temporário, centros-dia e subsídios financeiros. No Brasil, tais iniciativas ainda são limitadas e desigualmente distribuídas.

Outro ponto relevante refere-se às desigualdades territoriais. Municípios com maior arrecadação e melhor capacidade administrativa tendem a organizar equipes de atenção domiciliar mais estruturadas, enquanto regiões periféricas ou interiorizadas enfrentam escassez de profissionais, dificuldades logísticas e baixa cobertura assistencial.

Essa heterogeneidade compromete o princípio da equidade e aprofunda disparidades regionais historicamente presentes no país. Paim (2015) observa que o subfinanciamento crônico do Sistema Único de Saúde impacta diretamente a capacidade local de ofertar serviços complexos e continuados.

Além das limitações financeiras, a fragmentação institucional constitui obstáculo persistente. Idosos dependentes frequentemente necessitam simultaneamente de atendimento médico, fisioterapia, medicamentos, adaptações arquitetônicas, equipamentos de apoio, transporte acessível e benefícios sociais. Quando cada demanda depende de setores isolados e pouco comunicantes, famílias enfrentam burocracia excessiva e descontinuidade do cuidado. Jaccoud (2009) defende que problemas sociais complexos exigem respostas intersetoriais articuladas, superando a lógica administrativa compartimentalizada.

Outro elemento relevante para ampliar a discussão refere-se às representações sociais da velhice e à forma como elas influenciam a construção das políticas públicas. Beauvoir (1990) já apontava que a velhice, em muitas sociedades, é marcada por processos de invisibilização e perda de reconhecimento social.

De modo semelhante, Debert (2004) observa que o envelhecimento passou a ser frequentemente tratado como responsabilidade individual, deslocando para o sujeito idoso o dever de manter-se ativo e autônomo mesmo diante de limitações estruturais. Essa perspectiva pode enfraquecer o compromisso estatal com políticas de cuidado, ao sugerir que dificuldades enfrentadas na velhice decorrem apenas de escolhas pessoais e não de desigualdades acumuladas ao longo do curso da vida.

Também merece destaque a relação entre cuidado domiciliar e qualidade de vida. Estudos de Paschoal (2000) e Neri (2007) indicam que o bem-estar na velhice envolve dimensões amplas, como autonomia, vínculos afetivos, participação social, segurança e sentimento de pertencimento. Nesse sentido, o cuidado domiciliar não deve restringir-se à administração de medicamentos ou procedimentos clínicos, mas contemplar necessidades emocionais e sociais da pessoa idosa. Veras e Oliveira (2018) acrescentam que modelos contemporâneos de atenção ao envelhecimento precisam ser centrados na pessoa, integrando prevenção, cuidado continuado e suporte familiar, com foco na manutenção da capacidade funcional pelo maior tempo possível.

A literatura revisada também permite discutir a relação entre cuidado domiciliar e sustentabilidade dos sistemas de saúde. Em tese, programas domiciliares bem estruturados podem reduzir internações prolongadas, reinternações frequentes e ocupação inadequada de leitos hospitalares. Isso representa benefício clínico e

racionalidade econômica. Contudo, quando implantados apenas como estratégia de contenção de custos, sem investimentos equivalentes em equipes, equipamentos e acompanhamento continuado, os resultados tendem a ser limitados. Portanto, o cuidado domiciliar não deve ser compreendido como solução simplificada de baixo custo, mas como modalidade assistencial que requer planejamento técnico e financiamento consistente.

Outro aspecto emergente diz respeito à necessidade de uma política nacional de cuidados de longa duração. O Brasil avançou em políticas setoriais para a saúde da pessoa idosa, porém ainda carece de sistema integrado especificamente voltado à dependência funcional e ao suporte prolongado. Experiências internacionais demonstram que seguros sociais, fundos públicos específicos e redes comunitárias podem ampliar proteção e previsibilidade. Evidentemente, modelos externos não devem ser transplantados automaticamente, mas oferecem referências úteis para construção de alternativas adaptadas à realidade brasileira.

A discussão aponta ainda que o envelhecimento não pode ser tratado apenas como problema assistencial. Trata-se de fenômeno social amplo, relacionado à organização das cidades, ao mercado de trabalho, à renda previdenciária, à habitação e à inclusão digital. Políticas de cuidado domiciliar tornam-se mais efetivas quando inseridas em estratégias maiores de envelhecimento ativo e participação social. Assim, garantir cuidado digno envolve tanto assistência direta quanto criação de ambientes acessíveis e comunidades solidárias.

Por fim, os achados reforçam que o futuro do cuidado no Brasil dependerá da capacidade estatal e social de reconhecer o cuidado como direito. Isso significa superar a invisibilidade histórica do trabalho assistencial, valorizar profissionais e cuidadores familiares, assegurar financiamento público adequado e integrar diferentes políticas sociais. Sem essas medidas, a tendência é de agravamento da sobrecarga familiar e ampliação das desigualdades no envelhecimento. Com elas, torna-se possível construir modelo de atenção mais humano, equitativo e compatível com a transição demográfica em curso.

## **Conclusão**

A presente revisão de literatura evidenciou que o cuidado domiciliar de idosos se consolidou como tema central no debate sobre políticas públicas em razão do acelerado envelhecimento populacional brasileiro e da crescente prevalência de condições crônicas que demandam acompanhamento contínuo. O domicílio passou a ocupar lugar estratégico na organização do cuidado, por possibilitar manutenção de vínculos afetivos, preservação da autonomia, maior conforto e potencial redução de hospitalizações evitáveis. Dessa forma, a atenção domiciliar apresenta-se como alternativa relevante para promoção de envelhecimento digno e melhoria da qualidade de vida.

Entretanto, os estudos analisados demonstram que o desenvolvimento dessa modalidade assistencial ainda ocorre de forma desigual e insuficiente. Apesar dos avanços observados com a ampliação de programas públicos e diretrizes específicas para a saúde da pessoa idosa, persistem obstáculos estruturais relacionados ao subfinanciamento, à cobertura limitada dos serviços, à escassez de equipes

especializadas e às disparidades regionais. Em muitos contextos, o cuidado domiciliar depende predominantemente do esforço familiar, o que transfere às famílias responsabilidades que deveriam ser compartilhadas com o Estado e a sociedade.

Também se constatou que a sobrecarga dos cuidadores familiares constitui um dos principais desafios contemporâneos. A ausência de apoio técnico, financeiro e psicossocial compromete tanto o bem-estar de quem cuida quanto a qualidade da assistência prestada ao idoso. Soma-se a isso a permanência de desigualdades de gênero, uma vez que mulheres continuam assumindo majoritariamente o trabalho cotidiano de cuidado, frequentemente de forma invisibilizada e não remunerada.

Outro aspecto relevante identificado na literatura refere-se à necessidade de integração entre diferentes setores governamentais. O cuidado domiciliar não depende exclusivamente dos serviços de saúde, mas também de políticas de assistência social, habitação, mobilidade urbana, acessibilidade e proteção de renda. Sem articulação intersetorial, as respostas públicas tendem a ser fragmentadas e insuficientes diante da complexidade das demandas apresentadas pela população idosa dependente.

Diante desse cenário, conclui-se que o Brasil necessita avançar na construção de uma política nacional de cuidados de longa duração, estruturada sobre princípios de universalidade, equidade e sustentabilidade. Tal política deve contemplar expansão da atenção domiciliar no Sistema Único de Saúde, formação continuada de profissionais, apoio sistemático aos cuidadores familiares, financiamento estável e mecanismos de coordenação entre saúde e assistência social.

Por fim, cuidar da população idosa significa reconhecer o envelhecimento como conquista social e o cuidado como direito de cidadania. Investir em políticas públicas para o cuidado domiciliar não representa apenas resposta técnica às mudanças demográficas, mas compromisso ético com a dignidade humana e com a construção de uma sociedade capaz de valorizar todas as etapas da vida.

## Referências

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BORN, Tomiko; BOECHAT, Norberto. **A qualidade dos cuidados ao idoso**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno de atenção domiciliar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CAMARANO, Ana Amélia. **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?** Rio de Janeiro: IPEA, 2016.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. **As instituições de longa permanência para idosos no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos de População, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 232-235, 2010.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 2004.

FREITAS, Elizabete Viana et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOLDANI, Ana Maria. **Famílias e envelhecimento: desafios para políticas públicas**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 109-123, 2004.

JACCOUD, Luciana. **Proteção social no Brasil: debates e desafios**. Brasília: IPEA, 2009.

KALACHE, Alexandre; VERAS, Renato; RAMOS, Luiz Roberto. **O envelhecimento da população mundial: um desafio novo**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 200-210, 1987.

LIMA-COSTA, Maria Fernanda; VERAS, Renato. **Saúde pública e envelhecimento**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 700-701, 2003.

MALTA, Deborah Carvalho et al. **A atenção domiciliar no Sistema Único de Saúde**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1515-1524, 2016.

MENDES, Eugênio Vilaça. **O cuidado das condições crônicas na atenção primária à saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2014.

NERI, Anita Liberalesso (org.). **Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar**. Campinas: Alínea, 2007.

PAIM, Jairnilson Silva. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.

PASCHOAL, Sergio Márcio Pacheco. **Qualidade de vida do idoso: elaboração de um instrumento que privilegia sua opinião**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

RAMOS, Luiz Roberto. **Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 793-798, 2003.

VERAS, Renato. **Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 548-554, 2009.

VERAS, Renato; OLIVEIRA, Martha. **Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1929-1936, 2018.

WHO. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **World report on ageing and health**. Geneva: WHO, 2015.

*Data de recebimento: 23/04/2026; Data de aceite: 15/06/2026*

---

**Ana Lígia Passos Meira** - Enfermeira, Pós-Doutora em Saúde Pública, Professora Adjunta do Departamento de Medicina da Santa Casa de São Paulo.

**Luís Paulo Souza e Souza** - Enfermeiro, Médico, Doutor em Saúde Pública, Pós-Doutorado em Educação. Professor Adjunto do Departamento de Medicina da Universidade Federal do Amazonas. Professor do Mestrado em Saúde da Família da UFAM e Fundação Oswaldo Cruz. Líder do Observatório de Saúde Coletiva, Saúde Ambiental e Territórios Sanitários – OBSCAT/CNPq. E-mail: [luis.pauloss@hotmail.com](mailto:luis.pauloss@hotmail.com)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

## **Transições e adaptabilidade no envelhecimento: implicações para o desenvolvimento de competências sociais**

---

*Dante Ogassavara  
Jeniffer Ferreira-Costa  
Ana Paula Santos Soares de Paula  
Thais da Silva-Ferreira  
Amanda Azevedo de Carvalho  
Larissa Fernandes Camargo  
José Maria Montiel*

### **Introdução**

O envelhecimento populacional é um fenômeno de larga escala que consiste em uma alteração da composição demográfica de uma população, havendo o aumento da expectativa de vida e a redução das taxas de natalidade, o que produz a elevação da idade média da população. No território brasileiro, foi evidenciado no censo demográfico de 2022 que aproximadamente 16% da nação possui idade igual a 60 anos ou mais. A partir de tais dados, foram calculadas projeções populacionais que sugerem que, dentro do período de três décadas, a população idosa representará aproximadamente um terço da população brasileira total (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2023).

O envelhecimento populacional é um processo que deve ser compreendido como um avanço da humanidade, tendo sido viabilizado pelo esforço conjunto das diferentes áreas do saber para o desenvolvimento tecnológico em prol da promoção da saúde da população (Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015). Todavia, o ritmo acelerado que o envelhecimento populacional apresenta gera preocupações em razão da natureza do envelhecimento humano e de suas implicações para os diferentes setores da sociedade brasileira, sobretudo devido à fragilidade associada ao envelhecer e à sua tendência de gerar prejuízos para a capacidade intrínseca dos indivíduos idosos (Dong et al., 2010).

Nesta tônica, o declínio funcional associado ao envelhecer tende a ser uma questão ainda mais significativa para o sistema de saúde pública, trazendo novas demandas populacionais e um outro quadro epidemiológico (Brito et al., 2013).

Para além da fragilidade, a dimensão social do envelhecimento é marcada pela tendência de que seja estabelecido um quadro de vulnerabilidade social, quando se constata haver menos fontes de suporte e, por vezes, a pessoa idosa ser alvo de

representações culturais pejorativas, de modo a retratar a sua figura de forma degradante (Paula et al., 2025). Ainda, por vezes a conjuntura vulnerável é estabelecida com a participação ativa da pessoa idosa ao manifestar comportamentos de isolamento e limitar sua participação social, prejudicando sua própria qualidade de vida, o que pode ser acompanhado pelo declínio do autocuidado (Dong, 2017).

Vale mencionar que são reconhecidos fenômenos sociais convergentes ao envelhecer que impõem alterações significativas na vivência cotidiana, como o alcance da aposentadoria e a vivência de um processo de luto. Dada tal condição, entende-se que o envelhecer se relaciona à alteração da conjuntura social em que a pessoa idosa está inserida e, assim, são exigidas novas competências sociais para que esta se mantenha ativa socialmente e possa resguardar sua independência funcional (Del Prette; Del Prette, 2017). Sob uma perspectiva comportamental, sugere-se que o indivíduo envelhescente necessita ampliar seu repertório de comportamentos sociais, com o intuito de resguardar sua funcionalidade e participação social (Moreira; Medeiros, 2019).

Este estudo partiu do problema de pesquisa: “Como o envelhecer pode afetar a vivência social da pessoa idosa, tendo em vista o repertório comportamental e de competências exigidos para participação social?”. Alinhando-se com a problemática apresentada, o objetivo foi discutir as expressões sociais do envelhecimento e suas peculiaridades, identificando processos convergentes que se relacionam à elevação ou ao rebaixamento da funcionalidade nos meios sociais.

## **Metodologia**

O delineamento de pesquisa em questão consistiu em uma investigação de caráter qualitativo, contando com estruturas descritivas e transversais para captação e análise dos dados. Entende-se que o modelo investigativo utilizado prezou pela identificação de fatores contextuais significativos no campo adentrado, valorizando, assim, a abrangência e a coerência das discussões em face das suas expressões reais. Ainda, o objetivo estabelecido versou sobre a descrição do estado das variáveis em um único recorte temporal, sem buscar a atribuição de relações causais ou propor o acompanhamento da evolução delas (Campos, 2019).

No que se refere aos procedimentos metodológicos utilizados, caracterizou-se uma revisão de literatura de materiais bibliográficos disponíveis no ecossistema científico, com o intuito de sintetizar as contribuições preexistentes acerca de determinada temática (Knopf, 2006). Especifica-se que a natureza qualitativa da investigação configurou uma revisão de literatura narrativa ao utilizar uma estratégia de busca não sistematizada, pautando-se na relevância dos materiais para a discussão.

A revisão narrativa enquanto modelo de pesquisa é valiosa por permitir que sejam identificados consensos e lacunas do conhecimento concebido sob a perspectiva refinada de um profissional situado no campo de pesquisa (Ogassavara et al., 2025). Destaca-se que as revisões narrativas são produções valiosas por viabilizarem a atualização profissional e o estudo autônomo de modo breve, poupando tempo na seleção de materiais significativos para a discussão dos conteúdos acessados (Rother, 2007).

A captação dos materiais utilizados foi efetivada entre os meses de janeiro e março de 2026 em plataformas de busca amplamente utilizadas, sendo estas o Google Acadêmico, SciELO e PubMed. Foram empregados os descritores “envelhecimento”, “funcionalidade” e “competência social” separadamente e em diferentes combinações, buscando materiais no formato de artigos publicados em periódicos científicos e livros. Indica-se que não foi estabelecido nenhum critério de exclusão em razão da data de publicação dos materiais, sob a premissa de permitir a inclusão de produções clássicas relativas à temática.

## **Resultados e discussão**

De início, vale mencionar que o envelhecimento em seus estágios mais avançados dispõe de piores condições para a manutenção da funcionalidade, sendo estas mecanizadas por declínios estruturais e do desempenho das funções biológicas. A tendência ao desenvolvimento de quadros de fragilidade converge com o declínio da capacidade funcional e, conseqüentemente, condiciona o quadro de vulnerabilidade social (Rosa et al., 2014).

Quando se trata da capacidade funcional enquanto atributo individual, refere-se à capacidade de o indivíduo realizar atividades da vida cotidiana de forma geral. Nisto, sob um escopo técnico, é possível diferenciar as atividades cotidianas como Atividades Básicas da Vida Diária (ABVD), Atividades Instrumentais da Vida Diária (AIVD) e Atividades Avançadas da Vida Diária (AAVD). Nesta diferenciação, entende-se que as ABVD são práticas que versam sobre o cuidado de si, tratando do autocuidado com a saúde.

Por sua vez, as AIVD se referem às atividades com maior grau de complexidade, como o manejo de equipamentos, que demanda maior refinamento para a atividade independente. Alternativamente, as AAVD são enquadradas como ações relacionadas à participação social e que demandam competências refinadas para coordenação e operação, sendo por vezes retratadas como um subtipo de AIVD (Costenoble et al., 2019). Neste contexto, infere-se que o declínio da capacidade funcional da pessoa idosa é observável inicialmente pelo prejuízo na realização de AAVD, haja vista a complexidade envolvida na sua efetivação.

Ao longo do curso de envelhecimento, os indivíduos tendem a ter suas redes de apoio reduzidas em volume, sendo este um fenômeno parcialmente explicado por uma alteração na atribuição de prioridades no que se refere às trocas interpessoais. Esse fenômeno é observado na priorização de relações familiares sobre as relações alheias ao grupo familiar, possivelmente com o intuito de manter interações com maior grau de tolerância a trocas não recíprocas, mais estáveis e com vínculo afetivo mais intenso (Rabelo; Neri, 2014).

Frente às expressões multidisciplinares associadas ao envelhecimento, aponta-se que o envelhecer urge a articulação de esforços direcionados à formação de conjunturas que facilitem a realização das atividades da vida diária e que prestem suporte para a manutenção do bem-estar, preventiva ou reativamente, caracterizando uma prontidão para envelhecer (Carvalho et al., 2024). Nesta toada, infere-se que

essa prontidão possui um componente comportamental que estabelece interfaces com seu componente social ao necessitar desenvolver comportamentos sociais para moldar seu entorno de modo que atenda às suas necessidades de suporte, abarcando as competências sociais para criar e manter relacionamentos amigáveis e/ou amorosos.

Em nível cultural de seleção de comportamentos, entende-se que o envelhecimento é enquadrado como um estímulo aversivo ao serem ressaltados somente os prejuízos do envelhecer, sendo estes pareados a outros fenômenos sociais convergentes ao envelhecimento. Sob esta perspectiva, a aposentadoria é retratada com ambivalência ao, por vezes, ser um estímulo reforçador e, em outros contextos, aversivo. Obviamente, a diferenciação da aposentadoria enquanto estímulo discriminativo ou aversivo se dá pela seleção por consequências, mesmo que por modelação em face de comportamentos de outrem (Moreira; Medeiros, 2019).

No que se refere ao estado de aposentadoria, a vivência da velhice tende a ser marcada pela subtração das atividades profissionais, quando possível. Embora seja uma condição oportuna por permitir que a pessoa idosa se preserve e despenda esforços para o seu autocuidado, a aposentadoria é acompanhada por uma demanda de adaptação para que o indivíduo se mantenha estimulado e participativo na dinâmica social.

Neste sentido, a orientação para a aposentadoria é uma questão que deve ser articulada a longo prazo, tendo em vista as possibilidades de o indivíduo manter seus projetos de vida e lidar com as perdas que podem ser vivenciadas. Ainda, indica-se que o envelhecimento e a aposentadoria por vezes são retratados como condições associadas ao adoecimento e à exclusão, sendo que, ao se retirarem do contexto profissional, os indivíduos podem se sentir desamparados em relação aos danos gerados pela atividade laboral efetivada ao longo do curso de vida (Felix; Catão, 2013).

Deve-se considerar que a prática laboral mantida ao longo do curso de vida, assim como o estilo de vida, gera implicações sobre a estrutura do indivíduo no decorrer da existência; porém, pode-se entender que as condições produzidas só possuem consequências significativas observáveis quando são ultrapassados determinados marcos biológicos, gerando implicações sobre o funcionamento celular e os sistemas imunológicos do organismo.

A expressão biológica do envelhecer é mecanizada por processos de acúmulo e desgaste que culminam na senescência celular, caracterizada pelo declínio do desempenho das funções das células. Nisto, aponta-se que o estresse vivenciado também contribui para a precarização das estruturas funcionais ao condicionar a exaustão celular, podendo acelerar as manifestações do envelhecer de forma precoce (Barbouti et al., 2020).

Ao versar sobre a dimensão social do envelhecimento, é válido considerar que os enquadramentos sociais relativos à pessoa idosa não são necessariamente pejorativos e, assim, o envelhecimento social remete a uma transição de representação e de papéis sociais, não sendo inerentemente um fenômeno que gera vulnerabilidade (Ferreira-Costa et al., 2023). Neste sentido, pode-se compreender que

o envelhecimento social seria permeado por uma questão geracional relativa à identificação com um determinado estrato geracional, implicando sobre os modelos relacionais e as expectativas sobre si enquanto integrante de tal grupo etário.

### **Considerações finais**

Ao tratar dos fenômenos sociais convergentes ao envelhecimento, discorreu-se sobre alguns dos riscos observados ao longo do curso do ciclo vital, sendo fatores que contribuem para o desenvolvimento de um quadro de vulnerabilidade social. Dentre estes, foi mencionada a tendência ao declínio funcional como um movimento produzido pelas expressões biológicas do envelhecer e que geram implicações sobre as diversas dimensões da vivência humana.

Neste contexto, indicou-se que o envelhecer impõe sobre o indivíduo a necessidade de se adaptar às novas conjunturas que lhe são apresentadas, incluindo o novo papel social que lhe é atribuído, os meios sociais em que transita e a condição socioeconômica que deve sustentar. Sob a premissa de resguardar sua própria integridade e ser capaz de articular redes de suporte social, o envelhecimento exige da pessoa idosa competências sociais suficientes para manter a independência funcional e se manter socialmente ativa em face de sua nova condição.

Exaltam-se as oportunidades de participação social direcionadas à população idosa como propostas que valorizam o indivíduo em sua condição e que cumprem a função de contextualizar a formação de redes de apoio e vínculos afetivos, podendo exercer efeito protetivo da saúde contra acometimentos. São incluídos os centros-dia para a pessoa idosa e centros de convivência como espaços que promovem a qualidade de vida ao ser comum a realização de atividades de estimulação cognitiva, contatos interpessoais e atividade física.

Nisto, ressalta-se que a participação em programas de diferentes naturezas para a população idosa, seja de cunho assistencial, de saúde ou educacional, tem potencial para constituir fator preventivo contra acometimentos, tendo em vista que os participantes têm a oportunidade de formar estruturas de suporte social e se empoderarem.

### **Referências**

BARBOUTI, Alexandra; VASILEIOU, Panagiotis V. S.; EVANGELOU, Konstantinos; VLASIS, Konstantinos G.; PAPOUDOU-BAI, Alexandra; GORGOULIS, Vassilis G.; KANAVAROS, Panagiotis. Implications of Oxidative Stress and Cellular Senescence in Age-Related Thymus Involution. **Oxidative Medicine and Cellular Longevity**, [S. l.], v. 2020, 2020. DOI: 10.1155/2020/7986071.

BRITO, Marida da Conceição Coelho; FREITAS, Cibelly Aliny Siqueira Lima; MESQUITA, Karina Oliveira; LIMA, Gleiciane Kélen. Envelhecimento Populacional e os Desafios para a Saúde Pública: Análise da Produção Científica. **Kairós**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 161–178, 2013. DOI: 10.23925/2176-901X.2013v16i2p161-178.

CAMPOS, Luiz Fernando Lara. **Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia**. 6. ed. Campinas: Alínea, 2019.

CARVALHO, Amanda Azevedo; OGASSAVARA, Dante; FERREIRA-COSTA, Jeniffer; SILVA-FERREIRA, Thais; MONTIEL, José Maria. Disposições para a saúde da pessoa idosa: prontidão para envelhecer. **Diaphora**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 62–66, 2024.

CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL. **Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade**. Rio de Janeiro: Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015.

COSTENOBLE, Axelle et al. A Comprehensive Overview of Activities of Daily Living in Existing Frailty Instruments: A Systematic Literature Search. **The Gerontologist**, [S. l.], v. XX, n. XX, p. 1–11, 2019. DOI: 10.1093/geront/gnz147.

DEL PRETTE, Amir; DEL PRETTE, Zilda A. P. **Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

DONG, Xinqi. Elder self-neglect: Research and practice. **Clinical Interventions in Aging**, [S. l.], v. 12, p. 949–954, 2017. DOI: 10.2147/CIA.S103359.

DONG, Xinqi; SIMON, Melissa A.; WILSON, Robert S.; MENDES DE LEON, Carlos F.; RAJAN, K. Bharat; EVANS, Denis A. Decline in cognitive function and risk of elder self-neglect: Finding from the Chicago health aging project. **Journal of the American Geriatrics Society**, [S. l.], v. 58, n. 12, p. 2292–2299, 2010. DOI: 10.1111/j.1532-5415.2010.03156.x.

FELIX, Yana Thamires Mendes; CATÃO, Fátima Fernandes Martins. Envelhecimento e aposentadoria por policiais rodoviários. **Psicologia & Sociedade**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 420–429, 2013.

FERREIRA-COSTA, Jeniffer; SILVA-FERREIRA, Thais; OGASSAVARA, Dante; SILVA, Daiane Fuga; BARTHOLOMEU, Daniel; MONTIEL, José Maria. Promoção de qualidade de vida na pessoa idosa: representações e adjetivações subjetivas. **PSI UNISC**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 249–257, 2023. DOI: 10.17058/psiunisc.v7i2.18324.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Crescimento Populacional**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

KNOFF, Jeffrey W. Doing a literature review. **Political Science and Politics**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 127–132, 2006. DOI: 10.1017/S1049096506060264.

MOREIRA, Márcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto. **Princípios básicos de análise do comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

OGASSAVARA, Dante; FERREIRA, Thais da Silva; WALLAN TERTULIANO, Ivan; BARTHOLOMEU, Daniel; COSTA, Jeniffer Ferreira; MONTIEL, José Maria. Trilhas metodológicas para a revisão narrativa: orientações pragmáticas para sua elaboração. **RACE**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 308–318, 2025. DOI: 10.33871/23594381.2025.23.3.10317.

PAULA, Ana Paula Santos Soares; FERREIRA, Thais da Silva; COSTA, Jeniffer Ferreira; OGASSAVARA, Dante; CASTRO, Natália Mônaco Arena; MONTIEL, José Maria. Entre duplas vulnerabilidades: envelhecimento da pessoa com deficiência e a efetivação de direitos no Brasil. **Interfaces Científicas - Direito**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 447–461, 2025. DOI: 10.17564/2316-381x.2025v10n2p447-461.

RABELO, Dóris Firmino; NERI, Anita Liberalesso. A Complexidade Emocional dos Relacionamentos Intergeracionais e a Saúde Mental dos Idosos. **Pensando Famílias**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 138–153, 2014.

ROSA, Rafael da Silva; BIANCHI, Patricia Dall’Agnol; HANSEN, Diana; MONSCHAU, Bianca Thomaz. Alterações fisiológicas da força muscular respiratória decorrente do envelhecimento sobre a funcionalidade de idosos. **Fisioterapia Brasil**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 16, 2014. DOI: 10.33233/fb.v15i1.307.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. v–vi, 2007.

*Data de recebimento: 13/05/2026; Data de aceite: 15/06/2026*

---

**Dante Ogassavara** - Psicólogo. Mestre e Doutorando do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu. Docente do curso de Psicologia da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil – e-mail: ogassavara.d@gmail.com – lattes: <http://lattes.cnpq.br/3672374283802791> – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2842-7415>

**Jeniffer Ferreira-Costa** - Psicóloga. Mestra e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu. Docente do curso de Psicologia da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil – e-mail: cjf.jeniffer@gmail.com – lattes: <http://lattes.cnpq.br/1407735160653204> - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6281-7970>

**Ana Paula Santos Soares de Paula** - Advogada. Graduada em Letras e em Direito. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, SP, Brasil – e-mail: anapaulasoesadogada@gmail.com – lattes: <http://lattes.cnpq.br/4119492326899492> – ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6130-9049>

**Thais da Silva-Ferreira** - Psicóloga. Mestra e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São

Judas Tadeu. Docente do curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP, Brasil – e-mail: [thais.sil.fe@hotmail.com](mailto:thais.sil.fe@hotmail.com) – lattes: <http://lattes.cnpq.br/7519142861338976> – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9826-3428>

**Amanda Azevedo de Carvalho** - Bióloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil – e-mail: [carvalho.a.a3@gmail.com](mailto:carvalho.a.a3@gmail.com) - lattes: <http://lattes.cnpq.br/2546455859521649> – ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8616-0337>

**Larissa Fernandes Camargo** - Economista. Graduada pela Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP, Brasil. – e-mail: [larissafercam@gmail.com](mailto:larissafercam@gmail.com) – lattes: <http://lattes.cnpq.br/4992328974645400> - ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2742-3814>

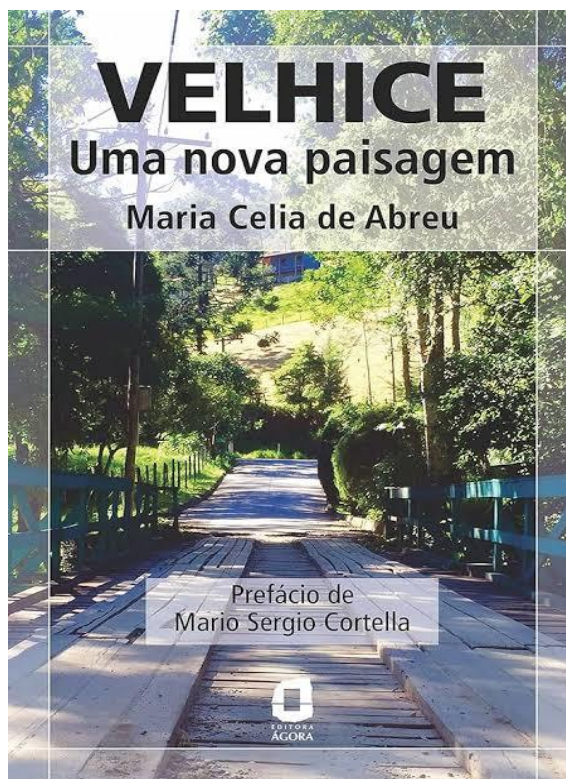
**José Maria Montiel** - Psicólogo. Mestre e Doutor em Psicologia. Docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu/Instituto Ânima, São Paulo, SP, Brasil – E-mail: [montieljm@hotmail.com](mailto:montieljm@hotmail.com) – lattes: <http://lattes.cnpq.br/4836172904369929> – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0182-4581>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

## Resenha

### Velhice: uma nova paisagem



**Velhice: uma nova paisagem**, de Maria Célia de Abreu. Ágora, 2017. 200p.

*Leonardo de Cristo*

## Introdução

**M**aria Célia de Abreu (1944) é psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre e doutora em Psicologia da Educação pela mesma instituição. Atuou como professora universitária na PUC-SP, instituição essa onde foi pioneira na criação de projetos presentes nos dias atuais, como o IDEAC (Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico), um instituto idealizado para trabalhos sobre a psicologia do envelhecimento. Através dos seus estudos sobre o envelhecimento humano, escreveu a obra “Velhice - uma nova paisagem”, publicado em 2017, pela editora Ágora, edição única, composto por nove capítulos: Sentimentos, valores e dados estatísticos; conceituação, idade cronológica e envelhecimento; a contribuição da psicologia do desenvolvimento; perdas e lutos;

depressão; corpo velho; sexualidade na velhice; memória; fechamento, num total de 200 páginas. A obra tem como proposta apresentar mais detalhes sobre uma fase da vida pouco explorada e debatida atualmente, um grupo social popularmente conhecido como terceira idade, os idosos.

O livro é uma porta de entrada acerca de conceitos que envolvem o envelhecimento, como memória, relacionamentos, perdas, sexualidade, entre outros diferentes aspectos que envolvem a vida da figura longeva. Utilizando dados obtidos em pesquisas acadêmicas e governamentais, conteúdos na literatura de psicologia e suas próprias vivências como pessoa para elaboração do texto, propondo reflexões profundas sobre o conceito do envelhecimento, trabalhando a ressignificação da imagem do idoso nas pessoas dentro da nossa sociedade, uma forma de aprendizagem através da leitura.

Cada capítulo tem como objetivo introduzir novas informações sobre temas comuns presentes nas diferentes fases da vida do desenvolvimento humano, com maior ênfase nas demandas encontradas no grupo dos longevos. Sob a perspectiva no idoso, a autora promove exercícios de reflexão relacionando com o nosso cotidiano em diferentes momentos do texto para que o leitor consiga compreender com maior facilidade o que está sendo descrito, uma estratégia assertiva que contribui na aprendizagem do assunto para pessoas leigas.

### **Análise**

No primeiro capítulo, intitulado “Sentimentos, valores e dados estatísticos” somos apresentados ao fato de que no mundo tecnológico atual, existem poucas atividades inclusivas na sociedade e conteúdos literários direcionados aos longevos, mesmo com o aumento do percentual da população idosa nos últimos anos, um crescimento considerável na expectativa de vida se comparado às últimas décadas, segundo pesquisas recentes do Censo, atividade ministrada pelo IBGE, responsável pelo cálculo do crescimento populacional no Brasil. Além disso, no âmbito social do cotidiano existe uma clara discriminação quando tratamos da figura do indivíduo idoso, carregada de uma visão preconceituosa e estigmatizada pelos mais jovens.

Em suma, a autora propõe o desenvolvimento de pensamento crítico como forma de estimular a reflexão dos jovens sobre seu próprio envelhecimento, que vão estar, supostamente, na posição dos idosos no futuro. Devemos estar atentos sobre nossos sentimentos e valores, buscar compreender melhor sobre o público idoso, tentar alcançar uma relação harmoniosa e produtiva dentro da sociedade. Dessa forma, com o crescente aumento no número da população idosa no Brasil e a expectativa de uma maior longevidade, espera-se que no futuro tenhamos uma maior busca pelos longevos, criando conteúdos literários, produzindo atividades, construindo uma sociedade mais respeitosa com pensamentos e sentimentos diferentes sobre os mais velhos.

No segundo capítulo, “Conceituação, idade cronológica e envelhecimento”, aprendemos que não devemos assumir a classificação por idade cronológica como definitiva, é necessário entender todas as suas variáveis quando tratamos do indivíduo idoso. Contudo, em uma macro visão dentro do contexto socioeconômico, tal critério de classificação ainda é o modelo mais viável por ser mais objetivo e

passível de quantificação, contribuindo para formulação de uma estrutura acessível aos indivíduos longevos. Ainda assim, tal critério classificatório possui uma clara falha quando compreendemos que o transcorrer do tempo não apresenta prejuízos uniformes a todos os indivíduos, cada pessoa dispõe de diferentes fatores genéticos, psicológicos, socioeconômicos e ambientais no decorrer de sua vida. Em suma, apesar de considerar o aspecto físico como principal caracterização na classificação da pessoa idosa, por ser mais aparente, devemos entender o indivíduo como um todo, levando em consideração os diferentes fatores que cercam sua vida para entender o conceito do transcorrer do tempo e seus efeitos no ser humano.

Quando falamos da velhice, a primeira imagem que vem à cabeça é a do fim da jornada, uma fase caracterizada pelas perdas e começo do declínio da vida. Tal perspectiva é ultrapassada, devemos buscar a resignação da velhice, entender essa nova fase da vida como uma oportunidade de continuar crescendo como ser humano, aprender coisas novas e estar aberto ao que a vida tem a nos oferecer durante o envelhecimento, não se prendendo ao que vivemos anteriormente. Essa deve ser a imagem ideal da velhice, não a de um período triste mais próximo do fim. Dessa forma, quando aprendemos a enxergar a velhice com outros olhos, conseguimos enfrentar os desafios existentes nessa etapa da vida com mais leveza.

No terceiro capítulo, “A contribuição da psicologia do desenvolvimento”, a autora apresenta a teoria psicossocial de Erik Erikson, onde é descrito que todo ser humano passa por um esquema de fases determinadas durante sua vida com uma tarefa psicossocial. Os resultados obtidos em cada fase podem agregar positivamente ou negativamente na trajetória de vida do indivíduo. Na velhice, o sujeito deve manter-se ativo utilizando suas experiências como apoio no processo de envelhecimento para que haja um sentimento de pertencimento nessa fase da vida. Ainda que o longo encontre um fio condutor para prosseguir durante essa fase da vida, existem situações que estão fora de seu controle, como a falta de adaptabilidade para incluir os idosos na sociedade e a perda de autonomia do próprio corpo ao envelhecer.

No quarto capítulo, “Perdas e lutos”, somos introduzidos ao fato de que existem diferentes formas de perdas e luto. Todos lidamos com isso durante a nossa vida, cada indivíduo possui sua própria interpretação. Por consequência, para melhor compreender os sentimentos de perda do ser humano, deve-se entender que cada indivíduo possui sua própria atribuição de significação a cada incidente, não havendo um padrão para cada ocasião. A perda não é um fator exclusivamente isolado, ela afeta o sujeito repercutindo em diferentes ambientes da estrutura de vida da pessoa, seja nas relações interpessoais ou no trabalho, e se faz presente em diferentes contextos com diversas interpretações.

Um exemplo claro é a aposentadoria, que após o encerramento do exercício de seu trabalho ocorre a perda de pertencimento, exigindo que indivíduo busque novos significados para sua vida após a rotina anterior deixar de existir. Podemos interpretar que existem diferentes perdas durante o processo de envelhecimento, que carregam uma carga emocional, social e psicológica conforme cada etapa da vida, e nem todos estão preparados para lidar com isso, como o fato de encarar a morte e suas variáveis em nossa vida. Assim devemos encontrar maneiras de manejar nossas perdas e lutos nas diferentes situações que encontramos durante o nosso envelhecimento como ser humano, entender que a perda e o luto não é algo definitivo, mas sim uma parte do

processo de maturidade durante nossa vida, e utilizar das competências próprias desenvolvidas - como rede de apoio, um trabalho, reflexão pessoal, psicoterapia, entre outros métodos - para navegar através dessa fase e seus obstáculos.

No quinto capítulo, “Depressão”, entendemos que a depressão costuma ser subjugada e não recebe a devida atenção na sociedade, mesmo se fazendo presente em todos os estágios da vida. Na velhice, a doença é mascarada por outros sintomas negativos, não recebendo a devida atenção, sendo comumente “ignorada” pelo indivíduo idoso ou pelos membros próximos devido à falta de conhecimento sobre a doença, havendo uma carga de preconceito e desinformação quando tratamos de falar sobre a depressão.

Ao tratar da doença no indivíduo longevo, existe a assimilação de seus sintomas à velhice, interpretando que por ser velho é natural que apresente comportamentos depressivos, uma clara perspectiva errônea comum quando tratamos da doença na sociedade. A depressão pode e deve ser tratada, sendo necessário um acompanhamento especializado junto de um suporte da rede de apoio no tratamento para que consiga tratar a doença. Em suma, quanto maiores promoções de bem-estar e acesso à informação sobre o assunto na sociedade, maiores são as possibilidades de promover ações de prevenção da doença, contribuindo em um núcleo saudável para todos os indivíduos de todas as fases da vida, principalmente os longevos, que são mais afetados e ignorados quando tratamos da depressão e seus sintomas.

No sexto capítulo, “Corpo Velho”, reconhecemos que o corpo humano naturalmente envelhece apresentando modificações com o passar do tempo. Na sociedade atual onde os valores e virtudes são baseados nos fatores socioeconômicos do consumismo, a aparência do indivíduo é um aspecto cada vez mais discutido quando falamos do padrão aceito na sociedade. Aqueles que fogem da norma, o indivíduo idoso no caso, ao perceberem que estão fora do padrão adequado passam a desvalorizar a si mesmos, pois não entendem que seu corpo está passando por um processo natural de mudanças. Essa falta de aceitação pode gerar prejuízos significativos à autoestima, principalmente no emocional do indivíduo.

Diante disso, encontramos longevos que negam, rejeitam ou reprimem os aspectos da mudança corporal, não aceitando o seu novo eu, como uma forma de demonstrar força sobre a cobrança social, mas, por muita das vezes, essa tentativa de negar sua nova versão pode agravar negativamente a sua própria imagem. Precisamos aceitar nossa nova versão, apesar das dificuldades, e dentro das possibilidades modificar aquilo que nos incomoda, nos mantendo ativos fisicamente e mentalmente para lidar com essa cobrança presente na nossa sociedade. Quando o indivíduo entende quem é sua pessoa, seus gostos e qualidades, a prática de autocuidado e promoção de bem-estar passa a ser mais efetiva durante o processo de envelhecimento, garantindo maior autonomia e qualidade de vida. Esse seria um método de defesa contra o enquadramento existente no mundo consumista atual quando falamos da nossa aparência.

No sétimo capítulo, “Sexualidade na Velhice”, descobrimos que a sexualidade é um tema pouco abordado dentro do grupo dos longevos. Mesmo que o sexo seja praticado pelas pessoas dessa faixa etária, com as devidas adaptações necessárias, as potenciais doenças e distúrbios sexuais originados pela idade e histórico sexual,

são desconhecidos para grande parte da população devido a falta de informação, não havendo pesquisas efetivas quando tratamos dessa temática. O valor da sexualidade - entende-se o ato sexual, seus conceitos, erotismo, carinho, namorar - variam conforme cada indivíduo, alguns trazem maior importância do que outros. A partir disso, no contexto da velhice, o eventual envelhecimento do corpo com suas diversas biológicas mais a influência de eventuais tabus sociais acerca do tema quando tratamos dos mais velhos, podem causar prejuízos consideráveis ao indivíduo na sua vida sexual, o reprimindo e não permitindo que tenha a autonomia nessa fase da vida.

No oitavo capítulo, “Memória”, entendemos que a memória é um conceito muito debatido quando falamos da velhice. Diversos aspectos do nosso cérebro são afetados durante a vida, seja por lesões ou falta de estímulo, como memória, fala, cognição, escrita, diferentes campos ligados aos processos psicológicos neurológicos. Quando envelhecemos, isso não é diferente. Através da neuroplasticidade, ocorrem adaptações conforme a necessidade para integrar-se ao novo funcionamento exigido do nosso cérebro. Um longo detentor de um cérebro envelhecido não necessariamente significa ser pior que um jovem adulto quando tratamos dos processos neurológicos, o que convém é a apresentação de um processamento mais lento na execução de algumas funções, como a memória recente, por exemplo.

Com isso em mente, devemos considerar potenciais lesões, falta de estímulo - não exercício cognitivo e pouca interação com o ambiente -, histórico de vida, emoções, quando tratamos da cognição na velhice, pois a complexidade cerebral envolve diversos fatores físicos, emocionais e sociais, independente da idade. Na velhice, o resultado da falta de cuidado com a mente durante os anos é mais aparente e evidente, trazendo prejuízos consideráveis que podem levar um tempo maior no seu manejo de recuperação, tratamento e prevenção.

Por fim, no nono capítulo, “Fechamento”, apresentados a todos os conceitos que envolvem a velhice, fomos novamente convidados a refletir sobre essa fase da vida. Entende-se que devemos buscar um novo significado para a imagem do velho, o envelhecimento é um processo natural do ser humano, deve ser entendido como uma oportunidade de continuar vivendo e aprendendo a cada dia, retirando a imagem de estar próximo da morte. Todos nós, em tese, seremos idosos, assim, enquanto jovens adultos, temos que compreender a importância do autocuidado e promoção do bem estar na nossa vida, para que possamos envelhecer de forma saudável, conseguindo lidar da melhor maneira com os potenciais problemas que surgem durante essa fase da vida. Envelhecer é entender que temos a oportunidade de continuar crescendo como ser humano.

## **Conclusão**

Em suma, a autora propõe o desenvolvimento de pensamento crítico como forma de estimular a reflexão dos jovens sobre seu próprio envelhecimento, que vão estar, supostamente, na posição dos idosos no futuro. Devemos estar atentos sobre nossos sentimentos e valores, buscar compreender melhor sobre o público idoso, tentar alcançar uma relação harmoniosa e produtiva dentro da sociedade. Dessa forma, com o crescente aumento no número da população idosa no Brasil e a expectativa de uma maior longevidade, espera-se que no futuro tenhamos uma maior inclusão dos

longevos na sociedade, produzindo mais conteúdos literários, elaborando atividades, construindo uma sociedade mais respeitosa, inclusiva e empática.

Entende-se que devemos buscar um novo significado para a imagem do velho, o envelhecimento é um processo natural do ser humano, deve ser entendido como uma oportunidade de continuar vivendo e aprendendo a cada dia, retirando a imagem de estar próximo da morte. Todos nós, em tese, seremos idosos, assim, enquanto jovens adultos, temos que compreender a importância do autocuidado e promoção do bem estar na nossa vida, para que possamos envelhecer de forma saudável, conseguindo lidar da melhor maneira com os potenciais problemas que surgem durante essa fase da vida. Envelhecer é entender que temos a oportunidade de continuar crescendo como ser humano.

## Referências

ABREU, Maria Célia de. Velhice - uma nova paisagem. 1. ed. São Paulo: Ágora, 2017.

*Data de recebimento: 22/03/2026; Data de aceite: 14/04/2026*

---

**Leonardo de Cristo** - Pesquisador, estudante de psicologia. E-mail: contato.leonardocristo1@gmail.com. ORCID - 0009-0004-8188-2830



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.